



ARQUITECTURA SETECENTISTA NO BAIXO MONDEGO LITORAL

António José de Matos Soares de Carvalho

2011

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

António José de Matos Soares de Carvalho

ARQUITECTURA SETECENTISTA NO BAIXO MONDEGO LITORAL

Dissertação de Mestrado

História da Arte, Património e Turismo Cultural

apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

sob a orientação do Professor Doutor Pedro Dias

2011

Resumo

A morfologia da arquitectura civil e religiosa, setecentista, no Baixo Mondego Litoral, a identificação e caracterização da tipologia de arquitectura seguida na região assinalada, será o enfoque desta dissertação.

Palavras-chave: Arquitectura civil e religiosa, setecentista, barroco, rococó, baixo Mondego.

Abstract

The morphology of the civil and religious architecture, in the seventeenth century, in the lower Mondego, the identification and characterization of the typology of architecture in the following marked region, will be the focus of this dissertation.

Keywords

Civil and religious architecture, seventeenth century, baroque, rococó, lower Mondego

Agradecimentos

Uma dissertação, apesar do processo solitário a que qualquer investigador está destinado, reúne, naturalmente, o indispensável contributo de muitas pessoas. Desde o início deste processo, contei com a confiança e o apoio de muitas dessas pessoas, sem os quais o presente trabalho não teria sido possível.

Ao Professor Doutor Pedro Dias, orientador da dissertação, um sentido agradecimento pelo apoio e partilha do saber que constituíram valiosas contribuições para o presente trabalho. Acima de tudo, obrigado por me ter acompanhado nesta jornada e por estimular o meu interesse pelo conhecimento e pela vida académica.

Ao Professor Doutor José Manuel Tedim que me ajudou igualmente, com a partilha do seu saber, mas sobretudo pela abertura apresentada.

Aos professores do Instituto de História da Arte da Universidade de Coimbra, pela sua competência e acessibilidade, especialmente ao Professor Doutor Francisco Pato de Macedo, pela compreensão demonstrada.

Aos excelentes colegas do curso de Mestrado, que ganharam lugar de destaque no meu coração e à Alice pela sua amizade e colaboração.

À Sandra, que me incentivou, decisivamente, no início do meu percurso académico.

Aos meus filhos, António Pedro e Mariana pela compreensão, apoio e paciência demonstradas.

Por fim, um agradecimento muito especial aos meus pais.

ÍNDICE

Introdução.....	7
I – Edificações Civas e Religiosas nos Campos de Coimbra	9
1.São Martinho do Bispo.....	9
2.Antuzede.....	13
3.Ançã	15
4.São João do Campo	19
5.São Silvestre	20
6.São Martinho de Árvore	25
7.Taveiro.....	27
II - Edificações Civas e Religiosas nos Campos de Montemor	30
1.Tentúgal.....	30
2.Carapinheira	35
3.Pereira	36
4.Santo Varão.....	40
5.Montemor-o-Velho	41
6.Verride.....	46
7.Abrunheira	49
III - Edificações Civas e Religiosas na Figueira da Foz	52
1.Maiorca.....	54
2.Marinha das Ondas	57
3.Lavos.....	61
4.Figueira da Foz	63
5.Buarcos	71
IV - Barroco Nacional e Regional	74
Conclusão	77
Referências Bibliográficas	79
Anexos Fotográficos.....	81

INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende ser um contributo para o conhecimento da arquitectura do período setecentista no espaço territorial que acompanha o rio Mondego, para jusante da ponte açude de Coimbra, abrangendo os concelhos de Coimbra, Cantanhede, Montemor-o-Velho e Soure, até à Figueira da Foz, espaço que pelas suas características de orografia, geologia, vegetação, produções e geografia humana, forma, em conjunto, o Baixo Mondego Litoral, onde predominam os terrenos cenozóicos e modernos, com resíduos importantes de formações mesozóicas¹.

O Mondego Litoral, que do Choupal se estende até à Figueira da Foz, contrasta com o alto, predominantemente granítico, com o médio, constituído por formações xistosas e faixas de quartzitos silúricos e com o baixo Mondego, formado por terrenos de sedimentação mesozóica².

Estas características de orografia, geologia, vegetação, produções e geografia humana, marcam naturalmente as realizações monumentais e artísticas. A diversidade evidencia-se nas construções, daí a multiplicidade de aspectos, nos edifícios religiosos, civis e militares. Severidade, imponência, pobreza, alegria, cor, monotonia ou variedade construtiva, dependem, em grande parte, dos materiais empregados, e que a terra oferece.

¹ Alfredo Fernandes Martins, *O Esforço do Homem na Bacia do Mondego: ensaio geográfico*, Universidade de Coimbra, 1940, pp. 262-264.

² Pedro Dias e Fernando Rebelo, *Arte e Paisagem na Região de Turismo do Centro*, EPATUR, Coimbra 1984, pp. 3-4.

Do solo e das suas produções derivam também a densidade de população, a sua riqueza ou carência que se repercutem na organização social e nas realizações artísticas de cada região.

Os capítulos seguintes pretendem ser uma viagem no caminho da descoberta de edificações civis e religiosas, construídas ou reformuladas na época setecentista, nos campos do Baixo Mondego Litoral, procurando evidenciar-se a tipologia construtiva mais usada na região.

Para melhor compreendermos o nível artístico e a tipologia arquitectónica das edificações setecentistas nos campos do Mondego, empreendemos uma viagem entre Coimbra e Figueira da Foz, na procura dos exemplos mais elucidativos.

Pretender-se-á identificar, analisar e exhibir os exemplos de edificações construídas ou reformuladas, que no conjunto exibam e melhor plasmem a arquitectura civil e religiosa da centúria de setecentos no Baixo Mondego Litoral, contribuindo um pouco para o seu conhecimento.

I – EDIFICAÇÕES CIVIS E RELIGIOSAS NOS CAMPOS DE COIMBRA

1.SÃO MARTINHO DO BISPO

Outrora uma das freguesias rurais mais populosas do país, localizada na margem esquerda do rio Mondego, estende os seus limites territoriais a uma boa parte da Mata Nacional do Choupal, situada na margem oposta. No presente, quase todo o seu vasto território está incluído no perímetro urbano da cidade de Coimbra.

Já na proto-história se pensaram cuidados no seu povoamento, sabe-se, por documento de 26 de Abril de 1080, que o abade Pedro, grande repovoador no baixo Mondego, vindo de região muçulmana, recebeu, do conde D. Sesnando, terras para repovoar no ponto onde edificou a igreja de São Martinho, e ao qual confirmou por carta, onde fez a delimitação dos terrenos³.

Por sua vez, o abade doou estes domínios, já aumentados, à Sé de Coimbra, em 1094, cujos bispos continuaram a obra de repovoamento. A 27 de Julho de 1104, o bispo conimbricense D. Maurício deu-lhe carta de povoação⁴.

Na freguesia ainda se encontram algumas casas antigas, sobretudo na Bencanta, local escolhido por alguns estratos sociais da cidade para erigir as suas casas de campo. **O solar da Bencanta** (Imagem 1), que actualmente alberga a sede da Fundação Bissaya Barreto, é um desses

³Nelson Correia Borges, *Coimbra e Região*, Lisboa, 1987, p. 128.

⁴Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, Academia Nacional de Belas Artes, 1953, vol. IV, p. 61.

exemplos. Outrora integrado na quinta de Montesão, e, por divisão desta, na quinta da Bencanta, destaca-se pela boa conservação da fachada, virada a sudoeste, conservando ainda a traça arquitectónica de finais de setecentos⁵.

O piso térreo é composto de janelas simples e pequenas frestas, dispostas proporcionalmente, em relação à entrada principal, de vão rectangular e modesta, no 1.º andar, janelas de guilhotina de verga recta, sobrepõem-se sobre avental recortado, mas simples, formam conjunto com uma sacada, sobrepujada por grade em ferro forjado, modesta. Sobre os cunhais apilastrados assentam dois pináculos.

Esta edificação, em estilo simples, mas airoso, aparenta ser de final do século XVIII, num estilo neoclássico mitigado. A ausência de elementos não nos permitiu determinar, com precisão, a data e o arquitecto ou mestre-de-obras que a construiu.

Muros altos cercam a propriedade, o pórtico de entrada, dá para o pátio, apresenta vãos rectangulares e colunas simples é sobreposto por frontão triangular interrompido por duas volutas, ladeado por dois pináculos sobrepujados nas colunas, o corpo do frontão é ocupado por ornato em concheado, apresentando alguma graça.

Ao lado, também proveniente da divisão da Quinta de Montesão, a **casa da Quinta de Nossa Senhora da Conceição** (Imagem 2), edifício setecentista, com torreão no topo Oeste, com largo frontão curvo, acima da cornija, sobre o qual assenta uma cruz pétrea, assinala a existência de uma capela, com o mesmo nome da quinta.

⁵ Nelson Correia Borges, *Coimbra e Região*, p. 127.

Este edifício foi descaracterizado interiormente, para poder albergar o lar de idosos da Graça de São Filipe.

O portal da entrada, ligeiramente arqueado, e emoldurado por colunas embutidas na fachada, de largo canelado e verga curva, é coroado por frontão curvilíneo, terminando em aresta. Sobre põe-se a este, janela de guilhotina, adornada por moldura rectangular, sobre a qual assenta frontão curvilíneo, que termina sob o entablamento de friso simples que percorre toda a fachada, abaixo da cimalha.

Com funções meramente decorativas, sobressaem do corpo inferior do entablamento adornos simples sobrepostos sobre as molduras rectangulares que envolvem os vãos das janelas e sacadas, estas com pequenas varandas alindadas por balaústres.

O piso térreo não tem a mesma graça do andar superior, posto que pequenas frestas e uma porta com verga e moldura simples dão corpo ao edifício, que nos sugere um estilo próximo de um tardo-barroco, embora, pese a contradição, algo despojado.

A ausência de elementos documentais, impede-nos determinar com exactidão, quer a data de construção do edifício, quer a identidade do arquitecto que lhe deu forma. A sua morfologia arquitectónica situa-o mais próximo de o estilo neoclássico.

Outras casas antigas existem, como a do Chafariz, a Casa do Bispo, ou a **casa da Quinta do Seminário** (Imagem 3), edificadas contudo na centúria de seiscentos.

Esta última, situada nos Casais, pertenceu à mitra de Coimbra, foi onde D. Miguel da Anunciação teve os alunos cerca de três anos, a partir de 1743. O edifício, incluindo a capela, é do século XVII mas as casas tiveram reformas em 1763, mandadas executar pelo primeiro reitor do seminário⁶.

Em localização privilegiada sobre os campos do Mondego, a **igreja paroquial de São Martinho do Bispo** (Imagem 4), é anterior à grande reforma que data de finais do século XVIII⁷.

A porta principal, data do século anterior, enquanto a torre foi erigida na primeira metade da centúria, em 1733. Da época medieval, parece ser um arco repostado pela parte posterior do altar-mor, a ressaltar o trono.

A fachada segue um traçado neoclássico, com dois corpos laterais, vincados por pilastras, e um central mais elevado, que forma arco ornamental, enquadrando este um óculo. Inferiormente a janela do coro e o largo arco que forma átrio; nos laterais janelas do mesmo tipo das dos flancos da igreja.

O átrio, coberto de abóbada, curva e de tijolo, precede a referida porta da igreja seiscentista. Tem ela o vão rectangular e, sendo enquadrada de pilastras, com entablamento e um frontão interrompido por um nicho.

A porta lateral, de verga curva, tem cabeceira com cimalha angular. Cobre a nave um largo tecto de madeira, em caixotões simples.

A nave do templo é ampla. Contém cinco altares antigos. O retábulo principal é da primeira metade do século XVIII com modificações

⁶Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 62.

⁷Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 61.

posteriores, tendo colunas torcidas e grinaldas de flores no cavado. Fecha o trono uma tela de São Martinho, celebrando missa, de 1877.

Os dois retábulos colaterais e mais dois encostados às paredes do corpo e fronteiros, no espaço do cruzeiro, são do fim do século XVIII, de madeira policromada, idênticos dois a dois, com aspecto mais movido e maior número de ornatos concheados os do corpo; têm duas colunas cada, anjos acroteriais e glórias solares.

Panos de azulejos estão aplicados na capela-mor e no cruzeiro. São de fabrico de coimbrão, da segunda metade do século XVIII, de enquadramentos concheados. Representam, na capela-mor, São Martinho a celebrar, no lado esquerdo, a aparição de Cristo a São Martinho. No outro lado, ao evangelho São Domingos a quem aparece a Virgem e Santo António; à epístola Ceia e Senhora da Conceição⁸.

As duas pias de água benta da entrada, de concha lavrada e alvéolo superior também lavrado, são setecentistas e singulares.

2.ANTUZEDE

Na margem direita, depois dos Campos do Coimbra, Antuzede, outrora pertença dos cónegos regrantes de Santa Cruz, em 1522, a pedido dos seus habitantes, foi elevada a freguesia, com os fregueses a serem obrigados a ir três vezes no ano à Igreja de São João de Santa Cruz, por ocasião dos dias de Corpo de Deus, Santa Cruz e São João Baptista⁹.

⁸ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 61.

⁹Nelson Correia Borges, *Coimbra e Região*, p. 127

A **igreja paroquial de Antuzede** (Imagem 5), tem Santo Agostinho por titular. Foi reformada inteiramente no fim do século XVIII, seguindo uma traça regular. A fachada mostra a porta e a janela do coro com as aberturas curvas, fogaréus nas esquinas, campanário de duas ventanas, à esquerda, com as escadas de acesso a serem construídas já no século XX . As janelas laterais são amplas.

O retábulo principal bem como os laterais pertencem ao mesmo fim do século XVIII; são de alguma dimensão e elegância¹⁰. No altar-mor, esculturas setecentistas finais, de madeira, de Santo Agostinho e São Teotónio.

Por serem dotadas de algum carácter, não resistimos a destacar três casas de campo antigas. A **casa da Quinta da Cidreira** (Imagem 6), pela localização voltada ao vale, dispõe de fachada constituída por uma boa fiada de oito janelas de peito e vergas, de friso e cornija e ainda regular cimalha de cantaria. O seu interior foi desnaturado em virtude da transformação em edifício de restauração e eventos.

Do mesmo período datam, a **casa do Regalo** (Imagem 7), chamada também do Meio, certamente pela posição medial entre as outras. Pertenceu aos Coutinhos de Coimbra, donatários da Baía. É a mais vasta e imponente das três. Recuperada na segunda metade do século XX, chama a atenção pela fonte seiscentista, mesmo à beira da estrada.

A **casa da antiga quinta da Geria** (Imagem 8), mandada levantar, no século XVII, por D. André de Almada, lente da universidade de

¹⁰ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 43.

Coimbra, é simples, valendo principalmente pelas recordações do humanista¹¹.

Estas três edificações documentam a preferência de certos estratos sociais da urbe mondeguna em escolher, no século XVII, a margem direita para as suas residências de campo. Contrariamente, na centúria de setecentos a preferência recaiu na Bencanta.

Bem perto, em **São Facundo, uma casa antiga** (Imagem 9), situada na rua principal, merece referência. A ausência de documentação impossibilita determinar a época exacta de construção, porém, a sua morfologia, indica tratar-se de uma edificação da segunda metade de setecentos. A fachada anterior, virada a Este, de um só piso, dá para a rua principal, é rasgada por porta de verga curva, com frontão em quartela, situada entre a segunda e a terceira das cinco janelas também de verga curva, em cantaria e remate em cornija. Ao nível do embasamento, pequenas frestas fazem adivinhar a existência de uma cave.

O telhado de quatro águas, virado a Este, é rasgado por janela de verga recta com moldura simples, em cantaria. A localização sobre o vale, sobretudo a fachada posterior, virada a Oeste, predominante sobre os campos do Mondego, confere-lhe uma singularidade apreciável. É um bom exemplo da casa setecentista da região.

3.ANÇÃ

Vila conhecida sobretudo pela sua pedra, na verdade não há conhecimento de muitas terras que se possam orgulhar de dar o seu nome a

¹¹ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 44.

um tipo de pedra. Ançã tem o seu calcário branco espalhado por Coimbra e região, está intimamente ligada a nomes como Mestre Pêro, Nicolau Chanterene, João de Ruão, entre outros. Na construção e na estatuária a pedra de Ançã foi de uma importância extrema.¹²

Achados arqueológicos, atestam a presença dos romanos na vila, vestígios relacionados com termas ou banhos públicos têm surgido em diversas épocas, não há certezas, mas o próprio nome da vila parece remontar àqueles tempos. Há contudo quem aponte, que a fundação e povoamento inicial de Ançã, se deve aos primeiros monges vindos de Itália, nos séculos VI-VII. Da tradição consta que D. Duarte Ihe teria outorgado o primeiro foral, no entanto foi D. Manuel que em 1514 lhe outorgou o foral. Posteriormente viria a ser sede de concelho na época constitucional, extinto em 1853¹³.

Foram donatários desta vila os marqueses de Cascais, que para aqui foi desterrado, depois da queda de D. Afonso VI, aqui passou o resto de seus dias, tendo sido sepultado na capela-mor da igreja, o primeiro marquês, D. Álvaro Pires de Castro falecido em 1674¹⁴.

Sem dúvida associado a estes acontecimentos, se deve ligar o interesse dos marqueses por Ançã, no fim do século XVII e princípios do XVIII, relacionado com este facto, a vila conheceu naturalmente algum progresso neste período.

O núcleo urbano de Ançã é um agradável alfobre de concentração de edificações setecentistas. Um bom rol de casas antigas conserva ainda esta

¹² Nelson Correia Borges, *Coimbra e Região*, p. 143.

¹³ Nelson Correia Borges, *Coimbra e Região*, p. 139.

¹⁴ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 29.

vila, em diferentes estados de conservação e de várias categorias, adiante referiremos algumas.

Entre o largo do pelourinho, de aspecto setecentista mas profundamente reformado no século XIX, e a fonte, encontramos a **moradia brasonada dos Bandeira de Neiva** (Imagem 10), embora já do início do século XIX, em estilo neoclássico.

O mesmo brasão se vê, numa **casa setecentista** (Imagem 11) situada num pequeno largo que fica na encruzilhada das ruas com ligação à igreja de Nossa Senhora do Ó, à fonte e ao largo do pelourinho. Esta singela edificação setecentista é rasgada, no piso térreo, por porta de verga curva, sobreposta por um óculo e outras duas, mais largas, também com verga curva, todas adornadas em pedra de cantaria, simples; no andar superior, quatro janelas, também de verga curva, em cantaria, são rematadas em cornija.

Mesmo em frente, outra **casa do século XVIII** (Imagem 12), ampliação duma seiscentista, é rasgada no piso inferior por porta com frontão quebrado e duas pequenas janelas de verga recta, em cima duas janelas laterais com avental e verga curva, torneadas por pequena cornija, flanqueiam a do meio, que se sobrepõe à porta principal.

Outras casas antigas estão espalhadas pela vila, no princípio da antiga rua do Cavaco, hoje 25 de Abril, uma com portas decoradas e de cabeceira alta do século XVIII, junto à capela das Mercês¹⁵(Imagem 13). Numa travessa perto desta, num estado de completa ruína, uma porta rasga a parede em ruínas, encimada por belo frontão (Imagem 14). Muito

¹⁵ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 31.

próximo e igualmente em ruínas, um brasão sobrepõe-se no tímpano de um frontão que pousa sobre uma porta de verga recta. Na rua de Santa Maria há outra que contém a capela do mesmo título, setecentista e modesta.

A igreja paroquial, dedicada a Nossa Senhora do Ó (Imagem 15), encontrava-se bastante arruinada em 1787, por esse motivo o bispo D. Francisco de Lemos, determinou que se reconstruísse, tendo a sua edificação ocorrido no princípio da centúria de oitocentos, mas seguindo o traçado setecentista, como esclarece a inscrição: “ERA DE 1812”¹⁶.

De imponente frontaria, repartida verticalmente em três partes por meio de pilastras e com remate ondulado, o portal, de quatro colunas coríntias, pertence à segunda metade do século XVII, bem como a parte inferior da torre.

Do mesmo século XVII é o interior, de três naveas, separadas por duas arcadas dóricas, de cinco arcos cada, com coro ocupando o primeiro tramo e sustentado em três arcos frontais; todavia os arcos foram renovados na era da inscrição. A capela-mor é abobadada, em caixotões, e possui um retábulo pétreo, vigoroso, em estilo concheado, rococó, bastante raro.

São notáveis, o conjunto de capelas que se abrem para o corpo da igreja, dos séculos XVI e XVII, todas com arco de entrada, de belo traçado arquitectónico.

A igreja abre-se para um vasto terreiro arborizado, proeminente ao vale, ao fundo do qual encontramos a casa brasonada, do princípio do século XVIII com as arruelas dos donatários (Imagem 16). No andar nobre

¹⁶ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra, p. 29.

ainda se conservam as janelas de avental rectangular, enquanto o pavimento térreo exhibe três arcos rusticados, com o central, mais aberto, a dar passagem para o largo do pelourinho.

Merecem igualmente a nossa atenção a pequena **capela de Nossa Senhora das Mercês** (Imagem 17), aqui já referida, dependente duma casa particular, mostra uma elegante fachada da segunda metade do século XVIII, porta de pilastras e frontão curvo, óculo quadrilobado e empena vincada de cimalha ondulada. Também a **capela do Espírito Santo** (Imagem 18), no meio da povoação, obra simples, com alpendre de grossas pilastras, de retábulo de pedra, embora no púlpito se leia a data de 1651, foi muito renovada no século XVIII.

Cheio de pitoresco é o conjunto da fonte com a **capela do Senhor da Fonte** (Imagem 19), esta é quadrada e integra-se na sólida ponte de um só arco pétreo. É uma transformação do princípio do século XVIII de um nicho, tem retábulo de pedra, com o crucifixo ao centro.

A **fonte** (Imagem 20), é uma construção pequena e quadrada, encostada, de três arcos rusticados, como rusticadas são os cunhais, alberga uma nascente de grande caudal. Na parede fronteira vê-se o brasão dos Castros donatários e a data de 1674¹⁷.

4.SÃO JOÃO DO CAMPO

Lavarrabos era o nome da maior aldeia da antiga freguesia de Cioga do Campo. Foi por requerimento dos seus habitantes, datado de 15 de

¹⁷ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, pp. 30-31.

Março de 1880, que Lavarrabos se passou a designar São João do Campo, passando este lugar albergar a sede da nova freguesia¹⁸.

Cioga do Campo foi um curato da apresentação do prior de Ançã, donde fora desanexada. Os mais antigos assentos do registo paroquial datam de 1637, aparecendo os anteriores nos livros de Ançã¹⁹.

Lá se mantém ainda a antiga **igreja paroquial de São João Baptista** (Imagem 21), mandada reedificar pelo bispo D. Francisco de Lemos, em 1784 e que exhibe um estilo neoclássico na primeira metade do século XIX.

A fachada apresenta os cunhais apilastrados, um entablamento direito a ligá-los, com a linha do telhado sugerindo frontão. A torre, à esquerda, ficou só no primeiro corpo, havendo campanário de uma só sineira.

O arco cruzeiro parece ainda do século XVII, enquanto os retábulos, principal e colaterais, são do tipo final do século XVIII e inferiores. Do tipo setecentista é também a bacia de pedra do púlpito²⁰.

5.SÃO SILVESTRE

De origens ancestrais, a povoação começou a desenvolver-se apenas nos finais do século XV, por influência da proximidade do Convento de São Marcos. Administrativamente, São Silvestre, actual freguesia do concelho, bispado e distrito de Coimbra esteve até 1855 integrada no

¹⁸ Nelson Correia Borges, Coimbra e Região, Lisboa, 1987, p. 138.

¹⁹ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 58.

²⁰ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 59.

concelho de Tentúgal. O pároco foi da apresentação dos marqueses de Marialva e condes de Cantanhede.

Ao cimo da povoação o **solar brasonado, com o escudo esquartelado de Cabral, Coutinho, Vilhena e Moura** (Imagem 22), com o largo do terreiro à frente é uma construção setecentista modificada e largamente ampliada posteriormente, de dois largos corpos dispostos em ângulo recto²¹.

Remodelações efectuadas no edifício, já no decorrer deste século, tornaram-no numa sombra do passado, claramente distorcido relativamente ao seu carácter setecentista, mantendo-se apenas, a porta da entrada de rasgada por vão de verga curva, com cornija. As ombreiras apilastradas, são encimadas por frontão interrompido, mantendo-se o brasão no tímpano.

A poucos metros do terreiro, a **igreja paroquial** (Imagem 23), que tem como São Silvestre, papa, como titular, é edifício do século XVIII final, mas conservando as portas laterais e as duas capelas do século XVII, com reformas em 1873. Fachada simples, de porta rectangular e janela de verga curva, cunhais apilastrados, torre à direita de remate bolboso e oitavado²².

Sobre o arco cruzeiro, o brasão da casa local, em meio de motivos assimétricos; esquartelado de Cabral, Coutinho, Vilhena e Moura.

O retábulo principal e os dois colaterais, repintados e mal, são já do século XIX, a imitar os modelos anteriores.

²¹ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 65.

²² Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 65.

As capelas da nave, fronteiras, são do fim do século XVII; o arco do evangelho é simples mas o outro completa-se de um modesto alçado. A da esquerda, aquela, tem retábulo pequeno, do fim do século XVII, de colunas torcidas e parras. O outro, da epístola, é do fim do primeiro terço do século XVIII, sendo composto de duas colunas torcidas tendo grinaldas de flores no cavado, o qual encerra uma tela das Almas, modesta.

Distando umas centenas de metros da povoação o **Mosteiro de São Marcos** (Imagem 24), tem como titular o santo do mesmo nome. É obra de vulto na região, não encontrando paralelo.

Estende-se, em frente da fachada da igreja, para poente, o largo e comprido terreiro de plátanos, em cuja entrada se levanta o alto **cruzeiro de 1783**, (Imagem 25) vendo-se num dos seus degraus a travessa de um outro mais antigo²³.

Compõe-se de plinto octógono, haste canelada e estreitando em altura, nó como se fosse processional, e cruz de braços lisos. As extremidades dos muros, são decorados de pilares, havendo outros menores em duas outras entradas da quinta.

Falando um pouco da história, em 1441 João Gomes da Silva, alferes-mor de D. João I, ao qual acompanhara em Aljubarrota e em Ceuta, fez a instituição duma fundação pia, para a qual legou bens, na sua ermida de São Marcos. A administração da referida fundação ficou vinculada a seu filho Aires Gomes da Silva, e descendentes por linha directa. Este, por ser partidário do infante D. Pedro, teve a fortuna confiscada, mas a ermida e os bens a ela vinculados vieram a ser entregues à esposa, D. Beatriz de

²³ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 66.

Meneses. Esta doou-os aos monges de São Jerónimo no ano de 1451, tendo o rei dado a sua confirmação em 3 de Agosto do mesmo ano, confirmadas amplamente no ano seguinte. Deste modo nasceu São Marcos, habitado por frades jerónimos, de 1491 até à supressão das ordens religiosas, em 1834.

Foi então adquirido por particulares, mas acabaria por ser destruído por um enorme incêndio em 1860, ao qual, apenas escapou a igreja e a casa da botica.

Dos restos da ermida inicial, nada ficou. Das obras do século XV, que começaram cerca de 1452, acabando por volta do decénio de 80, sabe-se que foi seu arquitecto Gil de Sousa, que já construía o convento de Penha Longa.

A igreja é um singular conjunto de arte tumular existente em Portugal, documentando a sua evolução nos séculos XV e XVI, encontrando-se ali sepultados João Gomes da Silva e vários descendentes e familiares seus, num total de onze túmulos.

As grandes obras monásticas, incidiram sobre cinco períodos de construção: primeiro no século XV; logo depois no período manuelino, em 1510 e de 1522 a 1523; seguiu-se-lhe o da renascença, 1559 e decénio de 60; na centúria seguinte, ocorreram por volta do ano de 1696 e por fim no século XVIII, período sobre o qual interessa focar a nossa atenção.

A fachada, da época rococó, apresenta linhas elegantes de referente clássico, a entrada do coro alto, certamente as portas travessas da igreja e as janelas, além da entrada do terreiro e cruzeiro, foram obras complementares datadas de 1783. Embora Frei Adriano Casimiro atribuisse as obras da frontaria ao abadessado de Frei João Rafael de Mendonça, tal

muito pouco provável, uma vez que o seu estilo não condiz com o tempo em que este foi abade, no segundo quartel do século XVIII. Ainda que tivesse sido geral da congregação por dois triénios, do decénio de 60, foi elevado em 1770 a bispo de Pinhel e em 1771 do Porto, aí falecendo em 1793. Admite-se como provável que possa ter protegido a obra, como geral, e, sendo já bispo, na medida em que foi grande construtor.

Na entrada, a igreja está datada de 1510, compõe-se de um arco quebrado, adornado de cairéis e com molduras de folhagem, e de finos colonelos, dotados de capitéis de folhagens e de bases compostas; tudo num manuelino flamejante naturalista.

A capela-mor, de 1522-23, já sem o primitivo arco de entrada, tem, por plano, um rectângulo. Divide-se a abóbada em dois tramos, um estreito e outro quadrado, com as nervuras em disposição estrelada e levantando-se de mísulas muito adornadas.

O **corpo da igreja** (Imagem 26), podendo todavia conter ocultos restos das paredes quatrocentistas, data da reforma de 1510, com o abobadamento do século XVII e o arco cruzeiro. Está este datado do ANNO / DE 1696, do tempo do priorado de Frei José de São Tomás, e decoram-lhe a face interna rectângulos, em molduras com lobulados diversos.

Como já se referiu, a frontaria da igreja é reconstrução da segunda metade do século XVIII. É dotada de elegantes linhas arquitectónicas da época.

Equilibram-na as composições laterais, a da torre à esquerda, e a mais estreita do lado oposto; na zona baixa rasgam-se os três arcos do

peristilo, acima a grande janela do coro e os dois nichos, todos de altas e elegantes cabeceiras. Sob o ângulo da empena, de traçado mistilíneo, crava-se o escudo da ordem.

Junto à frontaria da igreja, e para a esquerda, abre-se a porta do carro, de remate de três nichos, com esculturas inferiores, do fim do século XVI. Está-lhe ligada a **casa da botica** (Imagem 27), com alpendre de fortes colunas dóricas do século XVI e casa reformada no século XVIII²⁴.

O Mosteiro de São Marcos, é, sem dúvida, a obra de arquitectura com linhas mais elegantes e de erudição que encontramos nos campos do Mondego.

6.SÃO MARTINHO DE ÁRVORE

Outrora chamada São Martinho da Freixeneda, tinha a apresentação do seu vigário a cargo da abadessa de Lorvão. A esta freguesia pertencem também as povoações de Quimbres e Sandelgas.

A **igreja paroquial de São Martinho de Árvore** (Imagem 28), remonta ao século XVI, foi, contudo, reformada inteiramente no século XVII avançado, sendo possível que devam ter aproveitado algumas paredes anteriores²⁵.

A frontaria apresenta um bom aspecto, dado pelos cunhais, em forma de pilastras dóricas, suportando entablamento que acompanha a linha geral

²⁴ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, pp. 66-72.

²⁵ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 59.

da empena, dado ainda pela porta, de vão rectangular, friso, cornija e frontão triangular, pelo óculo também, que é redondo, circundado externamente por faixa lisa de pedra, mas que mostra, numa e noutra face da parede, molduras de um gótico final. É este óculo um resto da igreja anterior, ao qual poderá corresponder a data de 1514, gravada no século XVII, na parte interna da porta.

A torre à esquerda, maciça, de três corpos em diminuição, remata em pirâmide e pertence ao mesmo século XVII. Tem igualmente boa disposição a frente do arco cruzeiro. O arco é acolitado de outros dois menores, cavados na parede e destinados a retábulos. Aquele, em pilastras dóricas, tem interposto, entre estas e a volta, secções de entablamento. Na porta da sacristia está a data de 1713.

No corpo da igreja, à esquerda, rasga-se a capela do Sacramento, abobadada de tijolo, do tipo do século XVII, mas podendo-lhe corresponder a data de 1720 que se lê na base que encima a empena exterior. No arco gravaram 1785, correspondendo a alguma reforma.

Em Quimbres, uma **casa nobre da primeira metade do século XVIII** (Imagem 29), em deprimente estado de conservação, apresenta a fachada, com algum carácter, com a porta ao centro, de vão moldurado, frontão e sacada rasgando-se entre os começos do frontão curvo inferior; esta, por sua vez, repete simplificado o tema do remate da porta, encerrando escudo com três faixas de veiros dos Vasconcelos e coronel da nobreza²⁶. No andar nobre cortam-se quatro sacadas a cada lado, de verga

²⁶ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 66.

direita, e no de baixo o mesmo número de janelas. A porta dava acesso a um átrio, de onde partia uma escada dupla.

Os actuais proprietários da casa, que aparenta ter sido dividida, descaracterizaram a fachada, embora se mantenham os vãos de portas e janelas, foram acrescentadas escadas que descaracterizam o edifício, num dos lados, mantendo-se o outro sem intervenções, mas em estado de pré ruína.

7.TAVEIRO

Taveiro, na margem esquerda dos campos de Coimbra, está documentada desde o último quartel do séc. X, as invasões muçulmanas, no tempo de D. Teresa, provocaram a debandada dos seus habitantes.

Anos depois viria a ser repovoada por Santa Cruz. Os muitos casais existentes viriam a passar quase todos, no século XVI, com as rendas do priorado-mor, para a universidade, ficando ainda o mosteiro com certas rendas. Todavia o pároco era da apresentação da mitra. Nas rendas da igreja foi estabelecida uma das chamadas comendas-novas da Ordem de Cristo.

No século XIX, Taveiro, bem como a vizinha povoação do Ameal, foram viscondados, tiveram os seus condes, fruto das benesses a políticos notáveis saídos da revolução liberal de 1820.

Da grande **Casa dos Marqueses de Reriz** (Imagem 30), só resta, depois dum grande incêndio, o arcabouço em ruínas, e este sem carácter. O portão do pátio de entrada, do começo do século XVIII, rectangular, tem sobre o entablamento e entre os enrolamentos do frontão interrompido, o

escudo de armas; partido de uma banda saindo de duas cabeças de animal e de cinco brandões, com coronel de nobreza²⁷.

A igreja paroquial de Taveiro (Imagem 31), cujo titular é São Lourenço, é um edifício vasto, da segunda metade do século XVIII, com modificações sem gosto no XIX²⁸.

Além da capela-mor, rasgam-se duas nos ombros, postas de frente. A porta principal tem cornija recortada e é de traçado regular. A janela do coro conserva como verga uma parte do antigo óculo, que deveria ter sido rectangular e de ângulos arredondados. A torre levanta-se isolada, na frente da fachada principal, alta e incaracterística.

A capela-mor foi muito ampliada. O retábulo de madeira policromada, da segunda metade do século XVIII, de duas colunas e motivos concheados, mostra dois nichos destacados, do mesmo conjunto, bastante decorados.

Foram colocados nas paredes laterais dois retábulos do fim do século XVII, época de D. Pedro II, de colunas torcidas e de pânpanos, tendo adaptado ao da esquerda duas colunas menores, torcidas, mas do começo da centúria de setecentos. Os retábulos colaterais são altas armações de talhas do princípio do século XVII e da segunda metade.

As duas capelas opostas, na nave, têm idêntico arco de pilastras, mas do século XVIII. Talvez tivessem sido simples arcos, transformados em capelas na transição do século.

²⁷ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 74.

²⁸ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 73.

A da esquerda ostenta no fecho um escudo esquartelado de Figueiredo, Cunha e Melo. A sua abóbada é de tijolo. Retábulo de madeira, da segunda metade do século XVIII, de duas colunas, com uma pintura de São Sebastião, do século XIX, feita sobre modelo quinhentista.

No chão, uma campa do fim do século XVIII, com o mesmo brasão do arco e timbre dos Figueiredo.

O arco da direita, do Sacramento, tem, colocado posteriormente, um escudo complexo, do fidalgo que a campa rememora.

O retábulo é de madeira, todo dourado, em estilo neoclássico, o que é muito raro na região. Duas colunas em corpo avançado e duas mais recuadas enquadram o arco aonde se insere uma tela da Ceia, fraca, pintada sobre gravura ou modelo anterior. O sacrário é de colunelos do mesmo tipo. No remate geral erguem-se dois anjos em pé.

Nas paredes do corpo suspenderam quatro grandes telas, de boca de camarim de retábulo, do século XVIII, regulares mas de segunda categoria, representando a Anunciação, Adoração dos Magos, Visitação e Assunção.

II - EDIFICAÇÕES CIVIS E RELIGIOSAS NOS CAMPOS DE MONTEMOR

Das terras de Coimbra passamos para as de Montemor, concelho que pode bem ser considerado o coração do Baixo Mondego Litoral. O seu alfobre monumental, que vem dos primórdios da nacionalidade, tem na centúria de setecentos, um interessante conjunto de edificações, que constituem documento interessante para a história da arte e arquitectura da região. Começamos com a vila de Tentúgal, que preserva ainda várias edificações, algumas já descaracterizadas, mas que não deixam de constituir referências importantes.

1. TENTÚGAL

As referências mais antigas à vila de Tentúgal datam da primeira reconquista cristã, nos anos de 954 e 980. O facto de aqui ter nascido o conde D. Sesnando, primeiro governador de Coimbra depois da reconquista de 1064, confere-lhe notoriedade. D. Sesnando era, ao mesmo tempo, senhor de metade da vila, por herança de seus pais, doando-a à igreja de São Miguel de Milreus, no ano de 1087²⁹.

Em 1108, o conde D. Henrique e a rainha D. Teresa outorgaram-lhe carta de povoamento, com os mesmos foros de Coimbra, para a sua organização e não porque estivesse despovoada.

D. João I, por carta feita nesta mesma vila, a 11 de Outubro de 1420, doou-a com outras terras ao infante D. Pedro, já duque de Coimbra.

²⁹ Nelson Correia Borges, *Coimbra e Região*, p. 133.

Por doação de 28 de Julho de 1476, do *Príncipe Perfeito*, futuro D. João II, veio o senhorio de Tentúgal a pertencer a D. Álvaro, quarto filho de D. Fernando, duque de Bragança, em troco de Torres Novas. Apesar das lutas políticas havidas entre D. João II e os Bragança que fizeram com que D. Álvaro saísse do reino. Em 1504, um filho de D. Álvaro, D. Rodrigo de Melo, foi feito conde de Tentúgal e elevado a marquês de Ferreira em 1533. O seu terceiro neto, D. Nuno Álvares Pereira de Melo, foi o primeiro a usar o título de Duque de Cadaval, em 1648. A Casa do Cadaval ainda hoje mantém extensas propriedades³⁰.

Tentúgal teve o seu foral manuelino em 20 de Dezembro de 1515 e foi sede dum concelho constitucional, suprimido em 1853. É a povoação do concelho que conservou maior número de moradias entre o século XVI e o XVIII³¹. Destacamos de entre as moradias setecentistas, com algum carácter, as de que abaixo falaremos.

Na rua da Misericórdia, o antigo **solar dos Viegas de Novais Ferraz** (Imagem 32), deu lugar a um lar de idosos daquela instituição. É um edifício nobre de carácter barroco, embora construído no século XVII, obteve profundas transformações na centúria de setecentos, é marcado no exterior pelo emolduramento das janelas, principal elemento de animação da fachada, e no interior pela escadaria central com arco triunfal ao cimo.

É edifício de volumetria simples, com predomínio da horizontalidade. A fachada principal a Oeste, dividida em altura em pisos, de quatro vãos cada, é delimitada por cunhais apilastrados. As portas e

³⁰ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 149.

³¹ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 153.

janelas do piso térreo são rectangulares de moldura simples, em cantaria; no andar nobre apresentam aventais recortados e vergas curvas com cimalkhas. A fachada lateral Norte, mostra no primeiro andar janela idêntica à da frontaria. O avanço da sua fachada principal relativamente ao edifício adossado a Sul permite-lhe a abertura de janela rectangular ao nível do piso térreo.

O interior foi muito alterado pelas obras recentes de adaptação, destaca-se frente à porta principal, escadaria de acesso ao primeiro andar com arco redondo ao cimo abrindo para corredor de distribuição das várias dependências.

A simplicidade estrutural e decorativa da casa, com a fachada animada pelo emolduramento das janelas do andar nobre, marca a sua singularidade, no conjunto dos edifícios da rua da Misericórdia. A harmoniosa implantação, em sintonia com a Casa da Misericórdia, do lado oposto da igreja, ambas avançadas sobre a rua relativamente ao plano da frontaria desta, contribuem para um perfeito enquadramento simétrico. Assume-se como elemento preponderante na definição da disposição do conjunto da Misericórdia e dignifica a rua onde se insere.

Adossado ao edifício da Misericórdia, para Norte, o **antigo solar de Abreu, Lima de Moraes**³² (Imagem 33), insere-se na tipologia da arquitectura civil, residencial, setecentista. Planta rectangular, desenvolvida em dois pisos com vãos rasgados em eixo, rectilíneos de modinatura

³² António Correia Góis, *Concelho de Montemor-o-Velho, A terra e a Gente*, Montemor-o-Velho, 1995, p. 76.

Augusto dos Santos Conceição, *Terras de Montemor-o-Velho*, (reedição da obra de 1944), Montemor-o-Velho, 1992, p. 332.

simples, excepto os dois centrais correspondentes ao portal e ao que lhe está a eixo no piso superior e de volumetria horizontal.

A fachada, de três panos, é definida pela empena situada ao centro, de composição simétrica, ritmada pela abertura regular de vãos e remate em cornija com beiral. O portal da entrada, de perfil setecentista é encimado pelo brasão de armas, já do século XVIII. No nosso século passado, foi instalada uma serração na parte de trás do edifício e o portal da entrada foi alargado, ficando descaracterizado, em relação ao primitivo.

No piso inferior do pano da esquerda abrem-se duas portas entre duas janelas, no da direita um portão e três portas, no piso superior, os dois panos têm um total de nove janelas de sacada, com varandas suportadas por mísulas e guardas idênticas às da central, inicialmente em ferro forjado, apenas restando uma, neste material.

Nos panos laterais surgem os cunhais apilastrados em pedra, finalizados por pináculos piramidais. Mas deste antigo solar só restam mesmo as fachadas, porque o interior foi todo demolido e transformado em novas habitações.

Por último referiremos, na rua do Mourão, o **antigo solar dos Coelho, Faria, Amorim e Silva**³³ (Imagem 34), de planta rectangular, desenvolvida em dois pisos, de volumetria horizontal e cobertura em telhado de três águas. A fachada principal, é vasta, e de composição simétrica, é cadenciada pela abertura regular de vãos, em cantaria e remate em cornija, com beiral saliente.

³³Augusto dos Santos Conceição, Terras de Montemor-o-Velho, p. 333-334.

Fachada principal voltada a Norte, com embasamento saliente pintado de azul, de pano único, ladeado pelos cunhais apilastrados de silhares aparelhados em cantaria, sendo aberto no piso térreo por cinco portas e duas janelas rectilíneas.

O andar nobre, no piso superior, é rasgado por oito vãos, três em janelas de sacada, duas de verga curva e com cornija, e a janela central, de verga recta, de onde foi tirada uma pedra de armas com o brasão dos Coelho no 1º quartel, Faria no 2º, Amorim no 3º e Silvas no 4º, encimada por uma coroa de nobreza. Esta pedra de armas foi levada para São Silvestre. Internamente, o solar apresentava uns tectos de castanho apainelado³⁴.

A igreja da Misericórdia e a casa do despacho (Imagem 35), são edificações da época clássica, como o indicam o estilo, assim como a data de 1586, no portal. Foi já no ano de 1694 que fizeram a tribuna dos mesários³⁵.

Posteriormente, em 1722, foi renovada a torre e o alto da frontaria. A torre, à esquerda, tem uma ventana a cada lado e um remate piramidal coberto de azulejos brancos e azuis, característicos do estilo coimbrão da época rococó. No exterior a fachada de janelas gradeadas, a entrada da portaria e o mirante sobre o telhado, nobilitam o largo, formando conjunto com o casario setecentista.

Na mesma rua, mais para sul, a **capela de Nossa Senhora das Dores** (Imagem 36), é um edifício pitoresco de nave única. Mantém um pórtico

³⁴ António Correia Góis, *Concelho de Montemor-o-Velho, A terra e a Gente*, p.75.

³⁵ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 150.

estilo Joanino, com porta principal rectangular, ladeada por pilastras hermes com o escudo da Paixão entre os enrolamentos do frontão interrompido. Este é encimado por um óculo quadrilobado. As duas portas travessas apresentam cimalha ondulada, preenchida por uma concha.

2. CARAPINHEIRA

Situada na encosta sul da pequena colina, a Carapinheira do Campo foi um desmembramento da freguesia de São Miguel de Montemor, cujo pároco ficou a apresentar os curas. Do senhorio dos duques de Aveiro passou, no século XVIII, aos de Cadaval³⁶.

A igreja paroquial (Imagem 37), tem por titular Santa Susana, parece que a antiga igreja, segundo era tradição no princípio do século XVIII, estava na Ribeira de Moinhos e tinha por orago São Paio.

Foi construída no princípio do século XVIII, indicando-se mesmo o ano de 1720 para o acabamento do corpo, ficando sem capela-mor até cerca de 1736. Todavia as fontes informativas não são de confiança. A frontaria parece ter sido ultimada em 1799, posto que devesse ter tido reformas posteriores. A torre, à esquerda, foi acrescentada em altura em 1830.

A igreja é um edifício sem grande interesse, todavia a fachada foi traçada em linhas neoclássicas, elegantes. Sobrepõe-se à porta, dotada de frontão curvo, a janela do corpo que tem cornija em ângulo. O remate com óculo central, elevado acima da linha dos telhados, deverá ser do século XIX.

³⁶ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 142.

O tipo dos retábulos é o do século XVIII final, corrente. Existe o mor, modificado, dois colaterais e mais dois metidos em arcos nos flancos da nave.

No corpo rasga-se uma capela, com arco e abóbada de quartelas de pedra, do século XVII que veio de outro lado; retábulo barroco. Teve a igreja beneficiações recentes, como o tecto. A pia baptismal, é do século XVIII.

3.PEREIRA

D. Dinis deu-lhe foral em 1282; tendo o manuelino a 1 de Dezembro de 1513³⁷.

Pereira, com outras terras, entrou para o senhorio de D. Álvaro, filho de D. Fernando duque de Bragança, por troca que D. João II, ainda príncipe, fez com ele, da vila e castelo de Torres Novas, a 28 de Julho de 1476. Pela conspiração do duque de Bragança, os bens foram confiscados a D. Álvaro, que se homiziara. D. João II, no seu testamento deu Pereira e seu reguengo ao filho natural D. Jorge, a qual assim passou para os duques de Aveiro, aonde esteve até ao atentado josefino, voltando novamente para a coroa³⁸.

O padroado da igreja foi excluído expressamente na confirmação de D. Manuel, de 1500, continuando no padroado real, como confirma a inscrição da capela-mor, de 1595.

³⁷ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 144.

³⁸ Nelson Correia Borges, *Coimbra e Região*, p. 131

A jurisdição cível e crime, que pertencia a Coimbra, depois de litígio entre os duques e a cidade e dada sentença a favor desta, acabou por passar para a casa ducal.

Em Pereira, das edificações civis setecentistas a cuja documentação tivemos acesso, a única que resta é a que albergou o **antigo hospital e casa do despacho da Misericórdia**³⁹ (Imagem 38). É uma edificação de planta rectangular simples, com cobertura homogénea em telhado de duas águas. As fachadas são rebocadas e pintadas de branco, com pilastras nos cunhais, assentes em bases, coroadas por pináculos, terminados em bolas, sobre altos plintos. A principal virada a Sul, termina em cornija, encimada por beiral, e sobrelevada por pano de muro, sensivelmente recuado e terminado em beiral. É rasgada por sete vãos, moldurados a cantaria, seis deles encimados por friso e cornija recta; quatro destes vãos, foram, alternadamente, transformados em janelas de peitoril e sobrepujadas por pequenas janelas rectangulares jacentes, gradeadas, e dois deles conservam-se como portas, uma delas possui friso com a seguinte inscrição "HOSPITAL ANNO 1724".

O último vão corresponde a uma porta, a mais digna, apresentando verga recta encimada por friso com a inscrição "CAZA DO DESPACHO ANO 1724". É ladeado por pilastras caneladas, de terço inferior marcado e assentes em plintos, suportando entablamento com pináculos piramidais terminados em bolas decoradas; sobre a cornija, surge tabela rectangular horizontal, gravada a baixo relevo com brasão nacional, encimado por coroa fechada, envolta em paquife e aletas volutadas; sobrepuja-o friso com acantos enrolados.

³⁹ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 146.

As fachadas laterais terminam em empena, sendo a esquerda rasgada por janela rectangular, moldurada. A posterior, de dois pisos, está descaracterizada, rasgada no segundo piso por janelas de varandim, algumas transformadas em peitoril, encimadas por cornija recta. As sucessivas adaptações têm-na desnaturado um pouco.

A igreja da Misericórdia (Imagem 39) foi instituída numa antiga capela dedicada à Senhora da Piedade, que continua a ser a padroeira da igreja actual. Fizeram-se obras de arranjo e complemento, confirmando-o uma pedra-CARTÓRIO ANNO 1724.

A reforma da igreja começou a 2 de Janeiro de 1729 assentaram-se as paredes. Foi pedreiro António Gonçalves; fizeram os madeiramentos de telhados José Migueis e Francisco Neto. A 27 de Maio de 1730 estavam acabadas as paredes, madeiramentos e telhados. A frontaria só teve o remate definitivo nos anos de 1748-49, pelo pedreiro de Ançã, Matias de Andrade. A torre elevou-se de 1753 até 1757, obtendo os últimos arranjos em 1758, como indica a data sob o mostrador⁴⁰.

A fachada, tendo à esquerda a torre e à direita a nova casa do despacho, mostra um portal estilisticamente análogo ao do colégio de S. Pedro do pátio da universidade e ao de São Domingos de Aveiro. Enquadram o seu vão rectangular dois pares de colunas coríntias; o friso decora-se de enrolamentos; sobre os começos de frontão interrompido assentam as esculturas rudes da Caridade e da Esperança; a meio, sobre o vão, uma composição de pilastras decoradas encerra um baixo-relevo, duro,

⁴⁰ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, pp. 145-146.

da Senhora da Misericórdia. No triângulo da empena, um escudo nacional entre decoração barroca, mais tardia, como ficou dito.

A torre, de boas linhas, apresenta porta ornada e remate quadrado, bolboso e de fogaréus.

A porta do despacho, dos meados do século XVIII, ladeada de duas colunas jónicas, engloba na composição a janela-sacada.

A igreja é duma só nave (Imagem 40). O coro alto assenta em colunas decoradas, tendo as centrais pias de água-benta circulares. Os alçados do plano em que pousa o altar-mor mostram ornatos barroco-joaninos.

Possui a tribuna usual dos mesários, nas misericórdias, colocada à direita e de colunas lisas, jónicas.

São três os retábulos, todos de colunas torcidas, na fase joanina. Em 1731 já estava assente o principal e em 1738 mandavam-se fazer os colaterais. Foi entalhador Jerónimo Ferreira de Araújo. Em 1748, Domingos Correia e Manuel Pereira, de Coimbra, douraram os colaterais, pintaram o tecto e o cruzeiro.

Revestem a capela-mor e o corpo azulejos, só a azul e brancos, policromos, de fabrico de Coimbra, obra de 1770-1785. Exibem assuntos marianos os da capela-mor; os do corpo assuntos da vida de Cristo, sendo à direita cenas da infância, e à esquerda, da Paixão, entremeados de pequenas paisagens.

Ao lado direito da igreja, sob o despacho, fica a casa do lavabo, este rudemente decorado, e a sacristia, vendo-se aqui um arcaz de almofadados,

obra de Manuel João o Seco, de Santo Varão, de 1748, e o tecto pintado de enrolamentos e de grinaldas, provavelmente dos pintores citados. A porta de ligação tem o milésimo de 1744.

4.SANTO VARÃO

Santo Varão, antigo couto da mitra coimbrã, foi um efémero concelho da época constitucional, extinto em 1853. Em 1871 foi criado o título de viscondessa de Santo Varão, usado numa só vida.

Da segunda metade do século XVIII, existem referências documentando a existência de algumas casas, destacando-se uma, com o brasão dos Rangeis, uma flor-de-lis e em bordadura sete romãs, com aberturas em regular tipo arquitectónico. No entanto, o estado de completa ruína em que se encontravam há alguns anos, levaram ao seu completo desaparecimento⁴¹.

A igreja paroquial de Santo Varão (Imagem 41), tem São Martinho, bispo, como titular. Edifício simples, com os baixos da torre e o portal do século XVI e a janela do coro do século XVIII.

O retábulo principal tem duas colunas e arcos torcidos, enroladas de pâmpanos, do fim do séc. XVII. Os colaterais pertencem ao tipo setecentista final.

Na parede da esquerda corta-se uma entrada de capela particular, renascença decadente, datada de 1637, de pilastras misuladas, à altura do arco.

⁴¹ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 147.

5.MONTEMOR-O-VELHO

Vila fértil em lendas e atribuições históricas. Limitando-nos aos factos, os achados no sítio da Senhora do Desterro, da lápide de Lúcio Cádio Cela, agora no museu de Coimbra, da lápide de Júpiter da capela de Madalena e dos blocos de cantaria reempregados na base da torre de menagem, remontam a sua existência à época romana.

Da época visigótica há uma pedra de ornato bárbaro-popular, achada no castelo. A época muçulmana certifica-se pela coluna e pelo fragmento de estuque encontrados no castelo, agora no mesmo museu, bem como um fuste guardado na vila.

A ocupação de Coimbra, em 878, pela gente de Afonso III o Magno, trazendo consigo o repovoamento da linha do Mondego, provocou a de Montemor, em data desconhecida. Uma lápide fúnebre, com a inscrição de Ero ou Ero..., falecido no ano de 982, possivelmente da família dos tenentes regionais que conhecemos, atesta materialmente a vida local, mas já num período avançado.

A 2 de Dezembro de 990, Almançor tomou o castelo, na segunda arrancada contra o reino de Leão, dois anos depois de o fazer a Coimbra. Froila Gonçalves, descendente do conde portugalense Gonçalo Moniz, com a protecção do caudilho muçulmano, conseguiu a tenência de Montemor.

Finalmente em 1064, Fernando Magno conquistou Coimbra, e a linha do Mondego foi readquirida definitivamente para os cristãos.⁴²

⁴² Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, pp. 128-129.

D. Raimundo, governando pessoalmente Coimbra, deu, em Fevereiro de 1095, carta de povoação a Montemor. A seguir a esta época os documentos abundam, não revelando todavia os acontecimentos decorrentes da invasão muçulmana de 1116, em que foi destruído o vizinho castelo de Santa Olaia.

D. Sancho I, por disposições testamentárias, deixou Montemor à filha D. Teresa, separada já de D. Afonso IX de Leão. Esta obteve em 1211, de Inocêncio III, confirmação daquele legado.

As lutas com o irmão D. Afonso II, fizeram-na retirar com D. Sancho e D. Branca para esta vila, fazendo reformar os muros, como se vê da bula de 30 de Janeiro de 1212. Em sua defesa entraram no país o infante D. Pedro, seu irmão, e o infante D. Fernando seu filho. No ano de 1214 deram-se tréguas, mas a bula de composição final é só de 7 de Abril de 1216. Em Maio de 1212 D. Teresa com D. Branca, deram foral a Montemor.

Nas lutas contra seu irmão, D. Sancho II, o conde de Bolonha, D. Afonso III, fez de Montemor seu baluarte. Aqui se estabeleceu com os cónegos, o bispo D. Tibúrcio, um dos do pacto de Paris, que aqui falecido em 1246, tendo sido sepultado em Santa Maria da Alcáçova, apesar das tentativas de o levarem para a sua sé, o que só mais tarde se veio a fazer, o príncipe e futuro rei D. Afonso IV, tomou o castelo no dia 1 de Janeiro de 1322, na rebelião contra D. Dinis.

A abadessa de Huelgas e Lorvão, D. Branca, por doação de seu pai D. Afonso III, foi senhora de Montemor e o irmão D. Dinis deu-lhe o padroado das respectivas igrejas.

D. João I concedeu o senhorio ao infante D. Pedro, e este constituiu-o em arras de D. Isabel, sua mulher.

Pelo testamento de 29 de Setembro de 1495, D. João II, doando Coimbra como ducado ao filho natural D. Jorge, incluindo tudo e nos termos que o tivera D. Pedro, menciona também Montemor. D. Manuel, em 1500, renovando e confirmando a doação anterior, ressaltou os padroados das igrejas da Madalena e de São Miguel. Continuou o senhorio na casa dos duques de Aveiro, criada na pessoa do primogénito de D. Jorge e D. João de Lencastre até ao atentado josefino.

Montemor teve foral a 20 de Agosto de 1517. Depois de 1874 constitui uma só freguesia, com o nome de Santa Maria de Alcáçova e São Martinho. As freguesias anteriores eram Santa Maria da Alcáçova, Santa Maria Madalena, Salvador, igreja já demolida, São Miguel e São Martinho, todas com registo paroquial.

A importância de Montemor dilui-se muito a partir de finais dos séculos XVII-XVIII, principalmente a partir da afirmação económica e da preponderância que granjeou a povoação costeira da Figueira, em razão da sua proximidade com o mar, numa tendência que, até hoje, não conheceu inversão.

Do conjunto monumental da época setecentista, destacamos a **igreja da Misericórdia** (Imagem 42), embora se trate de uma obra do fim do século XVI, teve profundas reformas na segunda metade do século XVIII, a

que talvez corresponda a data de 1761 do lavabo, sofrendo obras, tanto a igreja como a casa, no último quartel do século XIX⁴³.

O portal é de arco entre pilastras jónicas e entablamento, neste inseriram um escudo nacional setecentista. Domina-o uma edícula com baixo relevo da Senhora da Misericórdia, de boa categoria, muito superior aos retábulos, de 1540, peça reaproveitada. As janelas do coro são do século XVIII.

A capela-mor tem abóbada de pedra, curva, dividida em quartelas mas desadornadas; o corpo é de madeira, em caixotões, que poderão ser já do século XVIII.

Possui três retábulos, quinhentistas finais, renascença decadente, obras secundárias. A mesa do altar é setecentista e forma nicho, encerrando uma Deposição da mesma época do retábulo.

Abre-se, na parede da esquerda, a tribuna dos mesários, de colunas jónicas em pedestais e entablamento direito, do final do séc. XVI. A casa do despacho segue o tipo das moradias burguesas do século XVII, mostrando fiada de seis sacadas ao andar nobre.

Das casas antigas existentes na vila, o tipo mais vulgarizado é o das habitações médias do fim do século XVI e principalmente do século XVII, com as arestas das aberturas arredondadas.

Poucas permaneceram, com carácter, da época setecentista e as que permaneceram terão sofrido alterações ao longo dos tempos, que lhe alteraram totalmente a sua traça.

⁴³ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 139.

O antigo solar dos Alarcões (Imagem 43), distinta família de Montemor-o-Velho, tem referências já do século XV, no entanto o edifício embora tenha tido grandes remodelações no século XIX, apresenta uma morfologia neoclássica mitigada, comum em alguns edifícios de final de setecentos

O antigo hospital de Nossa Senhora de Campos e Misericórdia (Imagem 44), data das reformas hospitalares do país feitas por D. Manuel. Segundo uma antiga inscrição, a obra deveria ter sido feita ou começada em 1504⁴⁴.

Da época primitiva, a manuelina, restam, englobados nas divisões térreas, diversos e largos arcos quebrados, para suportarem as divisões altas.

O conimbricense Gaspar Ferreira foi o arquitecto responsável pelas reconstruções operadas de 1752 a 1754, e que são visíveis sobretudo na frontaria.

A porta, enquadrada de pilastras, liga-se a grande sacada superior, sendo este segundo vão rematado de alta cabeceira com o escudo nacional. Sobre os vãos baixos inseriram um escudo e uma esfera armilar quinhentista. Ao lado da sacada colocaram dois nichos; contendo o da esquerda uma pequena escultura da Piedade do meado do século XV, de boas mãos.

⁴⁴ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 139.

A escada de acesso lateral ao andar nobre encontra-se na rua da direita; tem alpendre de colunas dóricas quinhentistas, modificado. Orna-a uma pintura popular.

O andar nobre é um salão capela, reformado no século XVIII, havendo três arcos de pedra levantados em colunas dóricas a dividir a capela-mor.

O velho Hospital de Santa Marta (Imagem 45), foi antigo hospital de lázaros, é edifício de linhas austeras e direitas, de planta rectangular com dois pisos. É utilizado no presente como arquivo municipal. A sua fundação, embora datando do século XVI apresenta sinais de grande reforma no século XVIII.

A fachada principal tem cinco janelas de sacada e, entre a quarta e a quinta, uma janela pequena e um óculo ao nível do primeiro piso. No andar térreo, três portas: a principal, com decoração mais rica, uma secundária com o mesmo remate das janelas e a terceira dá acesso a um pátio exterior.

6. VERRIDE

Foi couto do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, tendo passado, com os bens do priorado-mor, para a Universidade, continuando porém o mosteiro a apresentar o pároco. Teve foral manuelino em 1514. Na época constitucional, de 1844 a 1853, foi sede de um concelho. Chegou a existir o título de conde de Verride, por uma vida⁴⁵.

O solar da Quinta do Cardal (Imagem 46), nesta freguesia, foi construído numa extensa propriedade, com ruas de buxo arbóreo e bancos

⁴⁵ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 154.

de pedra do século XVIII, revestidos de cortiça. Era habitação de grandes dimensões, com numerosas dependências⁴⁶.

Arquitectura residencial, barroca, planta rectangular, composta pelo edifício principal e capela mais baixa adossada à direita, de disposição horizontal, coberturas diferenciadas em telhados de duas águas. Fachada principal, rematada por friso e cornija, dividida em dois pisos rasgados por dezoito vãos rectilíneos em eixo, tendo no piso inferior duas portas, seis janelas e uma fresta transversal, no superior nove janelas de sacada de duplo batente com bandeira e varandas com guardas em ferro. O interior ruiu.

A capela é ligeiramente recuada com acesso por alguns degraus em cantaria; fachada principal, circunscrita por pilastras em cantaria, com dois registos, no inferior abre-se portal rectilíneo de duplo batente, ladeado à direita por janela entaipada por alvenaria, com remate em cornija, no registo superior sobre o portal surge um nicho de pequenos colunelos, com um registo de azulejos figurativos, representando a Senhora da Conceição, de monocromia azul sobre fundo branco, à sua direita abre-se janela circular com moldura em cantaria, remate em friso e cornija; sobre a cobertura uma pequena sineira em arco de volta perfeita, ladeado por pilastras com remate esférico, finalizada por cruz pétrea. O interior, com porta de ligação ao edifício principal, mantém o arco cruzeiro e cobertura em masseira, paredes revestidas por painéis de azulejo figurativo.

O Convento de Almiara (Imagem 47), também conhecido por Mosteiro de Verride, é extremamente representativo, a nível histórico, arquitectónico e artístico, pelas suas intrínsecas ligações aos cónegos

⁴⁶ Augusto dos Santos Conceição, Terras de Montemor-o-Velho, p. 353.

regantes do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, certamente já desde 1285. Foi todavia fundado no século XVI, conservando ainda muitos elementos arquitectónicos da última reconstrução conventual, datada do século XVIII, sendo depois secularizado em 1834, quando da extinção das ordens religiosas e vendido em hasta pública, pelo que pertence hoje a particulares.

Faz parte dos importantes testemunhos da antiguidade deste local, pois a referência a Almiara surge já num documento de doação feita em 1194, e está associada à tradicional cultura de arroz em Portugal, introduzida pelos crúzios de Santa Cruz, nas suas grandes propriedades de Montemor-o-Velho.

O convento apresenta uma longa fachada setecentista. Na capela privativa, dedicada a Santo Agostinho, ainda se conservam alguns vestígios dos conjuntos azulejares do século XVIII, de fabrico coimbrão, em azul e branco, representando a vida dos crúzios e de Santo Agostinho⁴⁷.

O estado de pré ruína do edifício, não permite determinar com exactidão o alcance das obras setecentistas, muito embora a grande maioria dos elementos decorativos do interior resultem de uma campanha da segunda metade do século XVIII. O projecto inicial contemplava dois torreões, dos quais resta apenas um, e alguns vestígios do segundo, que não se sabe se foi destruído ou nunca chegou a ser concluído.

Na fachada principal, longa e que se desenvolve num sentido horizontal, ganha especial interesse a zona central, com a entrada através de arcaria de volta perfeita, e remate em frontão triangular. Todo o alçado é

⁴⁷ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 155.

marcado pelo ritmo simétrico dos vãos, com duas fiadas de janelas no piso térreo, a segunda das quais cega. Situação que se repete no último andar do torreão, este de três pisos. No interior, destaca-se a sala do refeitório dos religiosos, com painéis de azulejo azuis e brancos e tecto de caixotões. Na sala principal, a pintura do tecto exhibe a data de 1755.

Na fachada posterior, um corpo perpendicular articula o edifício habitacional com a capela, paralela a este alçado. O seu interior exhibe um conjunto de azulejos azuis e brancos, de remate recortado, alusivo à vida de Santo Agostinho e aos religiosos crúzios, devidamente identificados pelas legendas que os acompanham, relacionando texto e imagem com o objectivo de tornar mais clara a mensagem a transmitir. Por fim, uma referência aos pátios, um deles de acesso às zonas agrícolas e às cavalariças, e o outro com uma escadaria de pedra, de acesso ao andar. Muros altos cercam a propriedade, desprezada e em estado de pré ruína.

7.ABRUNHEIRA

Freguesia desde 1928, com a passagem da sede de Reveles para esta povoação. Eclesiasticamente ficaram a constituir duas freguesias distintas. Abrunheira foi sede dum efémero concelho de 1836 a 1844, enquanto Reveles era da apresentação da mitra de Coimbra.

Inserido na malha urbana do lugar da Abrunheira, sobressai pela sua graciosidade e elegância, um excelente edifício nobre do século XVIII.

O solar da Abrunheira (Imagem 48), tem a frontaria rasgada, no andar nobre, por nove janelas de verga curva, cuja cimalha segue a mesma linha. A porta, ostentosa, de verga curva, mostra frontão interrompido, com brasão esquartelado de Ornelas, Abreu, Fonseca e Moura, destacando-se,

não pelos excessos decorativos ou forte pendor cenográfico, mas sobretudo pela sobriedade da sua fachada principal, bastante longa, e no extremo da qual se ergue a pequena capela, de grande significado no contexto religioso da população local.

Não se sabe ao certo quem edificou a casa, embora a capela tenha sido construída no último quartel do século XVII, por iniciativa da então proprietária D. Maria Marques, viúva do capitão António Rodrigues Pinto, que obteve autorização do Bispo de Coimbra D. João Manuel⁴⁸. É possível que o solar remonte à mesma época, contudo são as suas características arquitectónicas setecentistas que se impõem, não deixando dúvidas de que teria sido construído ou profundamente reformulado nesta centúria⁴⁹.

O brasão, sobre o portal principal, exhibe as armas dos Ornelas, Abreu, Fonseca e Moura, sabendo-se que, no século XVIII, José de Ornelas da Fonseca Nápoles foi o último detentor do vínculo do morgadio.

De planta rectangular, a casa de habitação apresenta uma longa fachada principal, flanqueada por cunhais-pilastras e com a divisão em dois pisos sublinhada pelo friso que percorre todo o alçado, acentuando o sentido horizontal do conjunto. Ambos os andares são abertos por janelas de verga curva, embora o andar nobre se destaque pelas dimensões superiores dos vãos e pelo remate dos mesmos com cimalha saliente. O ritmo não simétrico destes vãos, no piso térreo existem seis janelas e no piso superior nove, converge, ao centro, no portal de cantaria, encimado por um frontão interrompido pelo já referido brasão de armas da família.

⁴⁸ Augusto dos Santos Conceição, *Terras de Montemor-o-Velho*, p. 242.

⁴⁹ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 141.

No alinhamento deste alçado, mas num plano mais recuado, surge a capela, de dimensões reduzidas, com acesso directo para a via pública através de um portão, aberto no muro do prolongamento da fachada. Uma pequena escadaria liga-se à porta da capela, que se situa a meio da nave. A janela que observamos nesta fachada, junto à porta, corresponde, pois, à capela-mor. É flanqueada por fortes pilastras-cunhais, sobrepujados por pináculos.

No interior, a nave é coberta por abóbada pintada, com a representação de Nossa Senhora, ao centro. Uma tribuna com balaustrada, permite uma ligação directa ao solar. O retábulo de talha dourada, joanino, foi um aquisição posterior à edificação da capela, destacando-se ainda a imagem de Santo António, a quem o pequeno templo é dedicado, e um Cristo crucificado, em marfim e pau santo, indo-português.

III - EDIFICAÇÕES CIVIS E RELIGIOSAS NA FIGUEIRA DA FOZ

Os campos alagadiços da Ereira, Fôja, e Maiorca demarcam a entrada no concelho da Figueira da Foz, deixando para trás os campos de Montemor e Soure, a **Quinta da Fôja** (Imagem 49), encravada entre as freguesias de Ferreira-a-Nova, Santana, Montemor e Maiorca, constitui uma referência nas comunidades locais, assumindo desde o século XV, um papel de especial importância na economia agrícola da região.

Foi pertença dos crúzios de Coimbra até ao século XIX, passando, por alturas da lei da desamortização para as mãos da família Pinto Bastos, que a tem renovado e valorizado até hoje, sem lhe retirar o carácter original⁵⁰.

O nosso interesse reside essencialmente na excelente edificação, que embora remontando ao século XVI, foi sucessivamente reformulada nos séculos XVII e XVIII.

O **solar da Quinta de Fôja** (Imagem 50), servia sobretudo para albergar os cónegos regantes de Santa Cruz de Coimbra, que aqui trabalhavam. A sua fachada austera, de aberturas rectangulares, ladeada de dois torreões quadrados, documenta a evolução de um tipo de arquitectura residencial singela, mas cheia de pitoresco.

O edifício, não sendo uma construção setecentista de raiz, apresenta sinais de intervenção nesta época, sobretudo no acesso ao andar nobre, com

⁵⁰ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 96.

larga escadaria, a meio, a dar acesso a uma sala na frente, com outra posterior.

Dois corredores, com celas só de um lado estendem-se até aos dois torreões que ladeiam o edifício. Na primeira sala, azulejos policromos, de concheado, do século XVIII coimbrão, com tecto pintado de temas.

Na segunda sala, azulejos policromos do mesmo tipo, de Lisboa, do fim do século XVIII, de grinaldas e medalhões centrais. O tecto é pintado no mesmo tipo.

Nos corredores, azulejos de Coimbra, do fim do mesmo século, em losangos com rosetas médias, nos topos outros de concheado.

A capela, sob o torrão à direita, fundada em 1593, é dedicada a Nossa Senhora da Conceição. No pavimento encontra-se a campa do prior geral da congregação crúzia, D. Tomás da Conceição. Mostra ao alto o escudo da mesma congregação.

O edifício vale sobretudo pelo seu conjunto e harmoniosa integração dos anexos, que no século passado albergaram uma das maiores fábricas de descasque de arroz do país.

A **capela de Santa Olaia** (Imagem 51), evolução de Eulália, situada no outeiro do mesmo nome, sobre um ilhote rochoso, prolongamento das alturas de Ferrestelo, domina e contrasta com os campos alagadiços de Ereira, Maiorca e Fôja.

Nesta elevação esteve o castelo de Santa Olaia, mencionado no testamento de D. Sesnando em 1087, D. Afonso Henriques deu-o em

Dezembro de 1166 ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. No séc. XVI fizeram, com a pedra dos muros, o viaduto que atravessa o campo⁵¹.

A capela, pequena e simples, só a porta dá ares da época quinhentista. O interior, modificado no fim do séc. XVIII, manifesta a renovação estilística nas quatro janelas do corpo e da capela-mor e na cúpula estucada e pintada que cobre esta última.

Sobre o arco triunfal pode ver-se o seguinte letreiro pintado: *FUNDATA EST DOMUM DOMINI SUPER VERTICEM MONTIUM ET VENIENT AD EAM OMNES GENTES ET DICENT GLORIA DEI NOMINE.*

O retábulo é de pedra. No nicho respectivo está a escultura de Santa Eulália, segurando o livro e a pomba, do séc. XVII. Nas faces do pedestal pode ler-se: *S. EULALIA / ANNO 1671 / FR. IOAM DA PAIX.*

Em Santo Amaro da Bouça, a pequena capela de Santo Amaro, fundada por Simão Francisco, em 1622, é uma construção singela do século XVIII, que dá nome à localidade, que cresceu muito em função da actividade agrícola da vizinha Quinta de Fôja, sendo a sua população, em tempos, praticamente constituída por trabalhadores que laboraram naquela propriedade.

1. MAIORCA

Entrou para o domínio de Santa Cruz de Coimbra por doação de D. Dulce, esposa de D. Sancho I. Era um dos coutos deste mosteiro, no termo de Montemor; passando os bens do priorado-mor crúzio para a

⁵¹ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 95.

Universidade, ficou esta com a jurisdição cível, Montemor com a crime e o mosteiro com as rendas. Foi um dos concelhos do constitucionalismo, suprimido em 1853.

Na vila de Maiorca encontra-se a edificação mais singular da arquitectura residencial setecentista, com traçados de erudição plasmados na sua fachada, com efeito o **Paço dos Viscondes de Maiorca** (Imagem 52), título criado na pessoa de Fernando Eduardo Vasques da Cunha Sá Pessoa Rangel Vahia Moniz de Melo e Simas (1808-53) por decreto de 5 de Outubro de 1846⁵².

A grande frontaria (Imagem 53), do século XVIII, compõe-se de portal central e cinco janelas de cada lado, de vergas curvas e cabeceira alta; pilastras dividem-na em três corpos, levantando-se sobre as médias um frontão no qual se fixa um escudo de armas, partido de Cunha e Melo, com coronel de nobreza; uma larga escada dá acesso ao andar nobre. A sobreverga da porta é um bom motivo arquitectónico, mostrando a cimalha ondulada e interrompida, encerrando temas concheados e grinaldas.

As salas têm rodapés e lambris de azulejos policromos, de fabrico de Coimbra, da segunda metade do século XVIII. Os do vestíbulo, constituídos por dez cartões, mostram cavaleiros, figuras de metade do tamanho natural. Os da cozinha contêm cenas alusivas. Esta tem chaminé central. O tecto da capela é artozoadado em grande relevo, com decoração pictural. Nas paredes há cenas bíblicas e outras. Na cerca do paço encontra-se um pavilhão do século XVIII⁵³.

⁵² Carlos de Azevedo, *Solares Portugueses. Introdução ao estudo da Casa Nobre*. 2ª Edição, Livros Horizonte, 1988, p. 152.

⁵³ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, pp. 97-98.

Presentemente o paço recebe obras de reformulação, para a sua transformação em unidade hoteleira, os dados recolhidos são com base em bibliografia consultada para o efeito. Desconhece-se ainda o impacte que as transformações poderão operar.

Bem próximo, a Casa da Quinta ou Paços da Baía foi edificada na primeira metade do século XVII, apresentando um modelo maneirista erudito, de bases tratadísticas. O andar nobre foi no entanto muito reformulado no século XVIII, decorado com diversos elementos ornamentais de gosto barroco e rococó. Destaca-se o lambril de azulejos colocado na sala de jantar, executados por Sousa Carvalho cerca de 1780 na fábrica da Telha Vidrada da cidade de Coimbra.

A casa, é, contudo, um bom exemplar da arquitectura senhorial do baixo Mondego que conserva ainda a estrutura original e desenvolve-se à volta de um pátio interior, formando uma planta quadrangular fechada, totalmente simétrica ao nível da volumetria.

No entanto os alçados da casa denunciam um desenho bastante sóbrio e austero, ao gosto do maneirismo chão seiscentista. A fachada principal foi dividida em dois registos, cujo ritmo é marcado pela disposição das fenestrações e portas a espaços regulares.

A fachada posterior da casa possui ao nível do registo superior uma varanda com colunata dórica, que se sobrepõe a uma *loggia* de arcada plena⁵⁴.

⁵⁴ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 98.

Tal como era habitual na época, a habitação divide-se em duas áreas distintas, de acordo com os pressupostos definidos pela tratadística italiana do século XVI, nomeadamente nas obras de *Sebastiano Serlio*.

No piso térreo as divisões eram destinadas às áreas de serviço da casa e espaços de arrumação, enquanto o piso superior, o andar nobre da casa, era utilizado para os espaços sociais e de habitação familiar.

Depois de descrever a grande curva da Carrapatosa, deixando para trás os campos de Maiorca e Fôja, o Mondego bifurca-se em dois braços. O maior vai banhar Vila Verde, Fontela, Salmanha e a Figueira, de que mais à frente falaremos.

O outro, para Sul, forma o rio de Lavos e recebe o Carnide ou Pranto. No meio de ambos situa-se a Morraceira, pequena ilhota de aluvião, onde nos primeiros tempos da monarquia se praticava a agricultura. Ocupada totalmente por salinas no século passado, hoje uma prática cada vez mais em desuso.

Para norte ficam as encostas suaves de Vila Verde, a subir do rio à Serra das Alhadas; a Sul, as salinas e campos de Lavos⁵⁵.

2.MARINHA DAS ONDAS

Freguesia constituída a partir da desanexação da de Lavos, em 1927, à qual continuou a pertencer eclesiasticamente, é neste território que se encontra o **Mosteiro de Santa Maria de Ceixa** (Imagem 54). O mais antigo documento parece continuar a ser a carta de couto, dada em Março

⁵⁵ Nelson Correia Borges, *Coimbra e Região*, p. 173.

de 1175 por D. Afonso Henriques ao mosteiro, na pessoa do abade Paio Viegas. Nela se faz a delimitação do mesmo couto.

Uma ermida teria antecedido este mosteiro, à qual vinham receber socorros espirituais os povoadores da vizinhança, não se sabendo se a sua localização seria no sítio do mosteiro ou no da capela.

A 1 de Março de 1195, D. Sancho I doou-o ao Mosteiro de Alcobaça, para lhe ficar filial. Nas dissensões entre Santa Cruz e o bispo encontramos algumas vezes os dois abades de Ceiça e Alcobaça como intermediários apostólicos. Ceiça chegou a ser suprimido e os seus rendimentos aplicados por D. João III às ordens militares de Cristo e Avis, sendo todavia, restituído a Alcobaça por D. Sebastião, em 1560.

Depois da supressão dos conventos, todas as talhas e retábulos de pedra foram levados aos poucos, encontrando-se no concelho e nos limítrofes coisas várias que dizem terem sido dali trazidas.

O mosteiro é hoje uma grande e impressionante ruína. Igreja e convento foram reedificados no século XVII e reformulado no XVIII. Aquela orienta-se de nascente a poente e este fica-lhe a norte.

A igreja, seguindo um tipo beneditino da época, era de uma só nave, para a qual abriram capelas laterais, possuía transepto, com cúpula central e capela-mor. Transepto, cúpula e capela-mor ruíram. Nos restos da nave instalou-se uma fábrica de descasque de arroz, que deve ter impedido uma maior ruína, entretanto desactivada.

A fachada tem um nobre aspecto no isolamento do local. Balizam-na duas torres, as quais levantam, acima da linha geral da frontaria, só o corpo

das sineiras. Os respectivos remates, bolbosos, cortados de óculos e acompanhados de fogaréus são reforma do século XVIII. Têm pilastras a demarcá-las e entablamento na base do corpo das sineiras.

A parte intermédia da frontaria é como que definida pelo largo arco do janelão. Divide-se em três sectores verticais por meio de pilastras. Corresponde-lhes, no plano térreo, os três arcos do átrio, dominados de três nichos (inutilmente vazios desde há poucos anos) correspondendo eles ao plano do coro alto, e, em cima, a larga janela semicircular, a toda a largura da nave, subdividida em três folhas, em perpendicularidade com as pilastras que vêm de baixo.

O remate é feito por uma cornija horizontal. Deveria ter havido uma composição central com uma cruz ou estátua ou armas da ordem que tivesse derruído.

O átrio não é fundo, só da largura das torres, com três tramos de abóbada de aresta, revestidas de arcos cruzados. Só há uma porta para a igreja, rectangular e bastante decorada dos temas da época.

A nave tinha quatro tramos, o primeiro dos quais ocupado pelo coro, que abrange também a parte superior do átrio.

A abóbada era semi-circular, de tijolo, sendo só de cantaria os arcos divisórios dos tramos. Conserva-se unicamente no segundo tramo. O telhado colocado para a fábrica é que a salva das águas e da ruína.

O alçado das naves dispunha-se: zona dos arcos das capelas, zona das janelas da galeria-tribuna, que ajudavam a dar luz à igreja.

As capelas, quadradas, com abóbada perpendicular à nave, ligavam-se mutuamente por pequenos arcos.

As galerias-tribunas tinham cobertura de madeira, ficando fraco o contrafortamento da abóbada.

O transepto não excedia a linha exterior das capelas. Vêem-se ainda os arranques dos arcos laterais e o resto dos triângulos esféricos destinados a aguentarem a cúpula.

Do claustro, ligado à igreja, conservam-se duas alas, a do poente e a do norte. A parte térrea compõe-se de arcos redondos sobre pilares quadrados, a do andar nobre, de fortes colunas dóricas suportando o entablamento⁵⁶.

A fachada do mosteiro é simples, com pilastras a separarem corpos com janelas do tipo de avental rectangular.

Santa Maria de Ceiça é actualmente pertença do Município da Figueira da Foz, encontrando-se em impressionante estado de ruína.

Em frente ao mosteiro, na extremidade de um terreno sensivelmente plano, ergue-se a **capela de Nossa Senhora de Ceiça** (Imagem 55). A que se encontra ligada a lenda do abade João, de Montemor-o-Velho, como sendo aqui o lugar da sua vitória sobre os sarracenos, baseada num poema heróico português, só conservado em prosa castelhana, o qual faz parte da história e da fundação do mosteiro.

⁵⁶ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, pp. 98-99.

Em 1590, tendo caído a capela antiga, foi reconstruída em 1602, por Frei Manuel das Chagas, abade do convento. No século XVIII a mesma capela recebeu importante reforma.

Trata-se de uma elegante construção do tipo octogonal. Envolve-a uma colunata, formada de colunas dóricas, levantadas em parapeito, nas quais se apoia o entablamento. Nos ângulos, porém, o suporte é feito por pilares a que encostam meias colunas. Cada face forma três vãos.

Para reforço juntaram a um pilar em época que ainda não se conseguiu determinar, uma coluna canelada, provavelmente originária de um antigo retábulo⁵⁷.

Igualmente pequena, a capela de Nossa Senhora das Ondas. É uma edificação setecentista de boas proporções. Fachada baixa, com cunhais de cantaria, bem como de cantaria é a linha da empena.

A porta, de verga curva e de ombreiras molduradas, mostra cornija e frontão curvo. Ladeiam-na duas frestas e domina-a outra, de lintel curvo. O seu interior, porém, não apresenta relevância⁵⁸.

3.LAVOS

Lavos já aparece mencionada na doação do abade Pedro de 1096, da igreja de São Julião à Sé de Coimbra. Assolada pelos muçulmanos, ficou deserta. D. Afonso Henriques doou-a e coutou-a a Santa Cruz, em Junho de 1143. Em 1155 teve carta de foro dada pelo mosteiro crúzio. Sendo uma

⁵⁷ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, pp. 99-100.

⁵⁸ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 98.

das igrejas questionadas entre ele e a sé, no fim do séc. XII e no XIII, declarada de Santa Cruz, acabou por voltar à Sé de Coimbra. O cabido revogou aquele foral e concedeu depois outro.

Nos últimos tempos a igreja era de apresentação alternativa do pontífice romano, do rei e do bispo de Coimbra.

Em Lavos, no ano de 1808, estabeleceu Welesley o seu quartel general para a expulsão dos franceses. Lavos é mais precisamente o nome dum território. A igreja actual levanta-se no lugar de Santa Luzia. Teve foral manuelino a 20 de Dezembro de 1519. Foi um concelho constitucional, suprimido em 1853.

A igreja paroquial de Lavos (Imagem 56), é dedicada a Nossa Senhora da Conceição, foi construída no séc. XVIII, como se pode ler no portal, “*ANNO DF. 1744*”, com uma pequena reforma na centúria seguinte.

De frontaria simples, de cunhais e empena de cantaria, o portal é dominado por um nicho de pilastras e aletas. A torre situa-se à esquerda e é de remate piramidal.

O tecto do corpo, de madeira, mostra painéis pintados setecentistas. O retábulo principal do séc. XVIII, é composto por duas colunas por lado e tela central, a qual representa a Senhora da Conceição, pintura do século XVIII, de Pascoal Parente, restaurada em 1914, em Lisboa.

Os colaterais da mesma época, em concheado, de duas colunas, conjugam-se com o revestimento da parede do arco cruzeiro, no mesmo concheado, o qual remata em nicho com Santa Luzia, escultura anterior.

Na nave, uma capela, com retábulo do séc. XVIII, bem como um fronteiro que contém um Cristo crucificado, escultura setecentista. O órgão é do fim do mesmo séc. XVIII⁵⁹.

4.FIGUEIRA DA FOZ

No ano de 1096 o abade Pedro doou à Sé de Coimbra a igreja de São Julião. Não foi propriamente só o sítio da igreja mas as terras envolventes, cultivadas e por cultivar, nas quais existiam casas e uma torre de defesa.

Terras outrora assoladas pelos sarracenos e que o abade povoara por concessão do conde D. Sesnando. A igreja foi origem da povoação, hoje bairro, conhecido pelo nome do seu patrono, São Julião.

Em 1237 o cabido conimbricense concedeu aos povoadores Domingos Anes Gago, Martinho Migueis e Martinho Gonçalves o sítio da Figueira, do termo de S. Julião, assim, como confinava com a Tamargueira, esta do foro ou couto de Tavadrede, ficando eles colonos do cabido. O povoamento do sítio, a Oeste da igreja, deu lugar que esse bairro ficasse com o nome de Figueira, nome que se veio a generalizar ao conjunto populacional, pela união dos diversos agrupados.

Passou o mesmo cabido, em 1344, carta de foro e povoação a Afonso Peres e a sua mulher Maria Esteves, moradores em Tavadrede, e a seus sucessores, das herdades e montes da Tamargueira, que correspondem em certa parte ao nascente da cidade, mas cujo nome se perdeu.

⁵⁹ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, pp. 96-97.

Estes três documentos aclaram a origem e o desenvolvimento da actual cidade.

No ano de 1602 piratas ingleses saquearam Buarcos e também a Figueira, tendo estado fortificados no convento de São Francisco e no forte de Santa Catarina.

Na primeira invasão francesa, o forte foi ocupado por um pequeno destacamento inimigo que o tenente de artilharia e estudante de Coimbra Bernardo António Zagalo submeteu no dia 27 de Junho de 1808.

Em 1771 foi elevada a povoação da Figueira à categoria de vila; em 1882 à de cidade⁶⁰.

Os pelourinhos enquanto símbolos da situação privilegiada de uma determinada povoação, remontam geralmente ao século XVI, quando El Rei D. Manuel procedeu à reforma dos forais. Não foi, todavia o caso da Figueira da Foz.

A tardia execução do pelourinho da Figueira da Foz permanece por esclarecer, inscrevendo-se, muito possivelmente, numa dinâmica de reforço de poderes municipais, ou na substituição de um outro exemplar entretanto desaparecido. A elevação da Figueira da Foz a vila, em 1771, poderá muito bem ter estado relacionada com esta edificação. Na verdade, **o pelourinho** foi levantado em 1782 (Imagem 57), conservando toda uma dinâmica barroca, na coluna salomónica que o caracteriza. Esta, assenta sobre uma base convexa e é rematada por um capitel de ordem compósita, que exhibe o escudo nacional numa das faces.

⁶⁰ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 88.

Implantava-se, originalmente, a Norte da denominada Praça Velha ou Praça do Comércio, que constitui a mais antiga praça da Figueira.

Em 1932 foi transferido para o centro da mesma, agora designada General Freire de Andrade, deslocando-se em cerca de 25 metros, e passando a elevar-se sobre a base de cinco degraus que hoje conhecemos.

O edifício do Paço da Figueira (Imagem 58), é de fundação e de construção do bispo conde D. João de Melo (fal. 1704), na segunda metade do século XVII.

A composição da fachada do rio é rara no distrito. Deviam-na ladear dois torreões, dos quais só o do nascente foi construído. Vincam a parte que corresponde a estes mesmos torreões pares de pilastras, repetidas em cada andar.

A parte inferior encontra-se desnaturada pelas lojas comerciais; o andar nobre tem onze janelas rasgadas, com a verga de friso e cornija, ficando mais uma em cada extremidade, dominada de frontão. O torreão repete o agrupado inferior das pilastras e cobre-se de cúpula com falso lanternim. Na linha das pilastras há pináculos, formados de um pedestal sustentando um motivo derivado do vaso pensado.

Quatro das salas possuem alto alizar de azulejos holandeses, do princípio do século XVIII, nos tipos de cavaleiros, paisagens e motivos religiosos; colecção absolutamente rara⁶¹.

Apesar de não ter sido concluída conforme o projecto original, a denominada Casa do Paço não deixa de se impor na paisagem urbana da

⁶¹ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 90.

Figueira da Foz, dominando parte da Avenida Marginal. A sua edificação deve-se à iniciativa do Bispo-Conde de Coimbra, D. João de Mello, que pretendia dispor de uma habitação para descanso, e pode balizar-se, aproximadamente, entre 1690 e 1704, ano em que o prelado faleceu, deixando o edifício inacabado.

Desenvolve-se através de uma planta em U, com pátio interno e fachada principal paralela ao rio, e é rematada, numa das extremidades, pela imponente torre, coberta por cúpula com lanternim falso. De acordo com o projecto, uma outra torre deveria ter sido erguida do lado oposto, mas a morte de D. João de Mello impediu a concretização integral do que fora planeado. O alçado é ritmado pela abertura simétrica de portas, no piso térreo, e janelas de sacada, no andar nobre, definindo um gosto barroco, mas onde impera a sobriedade e a depuração⁶². As extremidades são marcadas por pilastras e as janelas destas secções são encimadas por um frontão triangular.

Não se conhece o nome do arquitecto, mas os investigadores têm concordado em aproximar esta arquitectura com outros edifícios patrocinados pelo Bispo, nomeadamente o do Convento de Santa Clara-a-Nova, em Coimbra, concebido por frei João Turriano (engenheiro-mor do Reino e lente de Matemática na Universidade de Coimbra). Os paralelos verificam-se ao nível da fachada Norte do edifício conventual, muito semelhante à da Casa do Paço que acabámos de descrever, situação que se repete ao nível da concepção rectilínea de ambos os imóveis, dos torreões com cúpulas e pináculos e das próprias proporções⁶³.

⁶² José Pedro Aboim Borges, *Figueira da Foz – Cidades e vilas*, Lisboa 1991, p. 48.

⁶³ José Pedro Aboim Borges, *Figueira da Foz – Cidades e vilas*, p. 49.

No interior, mantém-se a distribuição espacial que, no restauro do século XIX, foi copiada pela da Casa da Baía, em Maiorca, que remonta a 1637⁶⁴.

Quatro das salas possuem alto alizar de azulejos holandeses, do princípio do século XVIII, nos tipos de cavaleiros, paisagens e motivos religiosos, colecção absolutamente rara. Apesar da majestosa fachada e imponência de todo o edifício, são os azulejos holandeses de Delft⁶⁵, do seu interior que ganham um especial significado, pois constituem o maior conjunto do mundo, executado na primeira década do século XVIII. Não se sabe por que razão se encontra aqui um tão grande número destes azulejos, parte em tons de azul e outros em manganés. É possível que provenham de um navio holandês naufragado ao largo da Figueira da Foz no início do século XVIII, mas podem ser fruto de uma encomenda específica dos descendentes de D. João de Mello. De facto, é conhecido o gosto e a encomenda de exemplares holandeses para decoração da sua casa em Lisboa de D. Pedro de José de Mello⁶⁶.

Na Casa do Paço encontramos três géneros de azulejos, uns desenhando paisagens campestres, outros cavaleiros em posições diferenciadas, e por fim representações de episódios bíblicos, estes últimos aplicados na divisão que se pensa corresponder à antiga capela. Alternam cercaduras azuis com interiores a manganés, e vice-versa, denunciando uma sensibilidade decorativa, onde o pormenor do desenho se perde para favorecer o efeito de conjunto, apenas acessível aos azulejadores portugueses, com certeza, responsáveis pela sua aplicação.

⁶⁴ José Pedro Aboim Borges, *Figueira da Foz – Cidades e vilas*, p. 49.

⁶⁵ Pedro Dias e Fernando Rebelo, *Arte e Paisagem na Região de Turismo do Centro*, p. 41.

⁶⁶ José Pedro Aboim Borges, *Figueira da Foz – Cidades e vilas*, p. 49.

Por todas estas razões, a antiga residência do Bispo de Coimbra merece um lugar de destaque na história da Figueira da Foz, mantendo, nos nossos dias, a sua imponente presença junto à marginal, conservando no seu interior este magnífico conjunto de azulejos, mas adaptando-se à actualidade e abrindo as portas do piso térreo à actividade comercial.

A Casa da Alfândega (Imagem 59), de fachada singela, mostra uma porta e duas janelas rasgadas com verga de friso e cornija. Construída no princípio do século XVIII seguiu contudo a orientação do século anterior. A planta primitiva, feita por um engenheiro, Manuel do Couto. Foi posteriormente traçada uma outra por um mestre de Lisboa, acabando por se seguir a preferência pelo projecto dos mestres construtores e dos mestres de Coimbra, que era diferente daquelas plantas⁶⁷.

O Convento de Santo António (Imagem 60), franciscano, foi instituído em 1527, por Frei António de Buarcos. É hoje sede da Misericórdia local, instituição que só teve início em 1839.

O convento foi saqueado pelas tropas espanholas em 1580 e nele se fortificaram piratas ingleses em 1602. Deste só resta a igreja, tendo os outros edifícios sido transformados.

O primeiro templo data cerca do ano de 1536, milésimo que se lê no arco cruzeiro, sendo subsidiado por António Fernandes de Quadros, da casa de Tavadede, cujo brasão de armas se vê sobre o mesmo arco.

Foi profundamente reformado em 1725, cuja data se inscreve no arco da galilé e alterado com obras em 1886.

⁶⁷ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 90.

A frontaria segue o tipo franciscano da época, do começo do século XVIII. Largo arco abatido da galilé, nicho decorado e contendo a escultura de Santo António, do tempo, ladeado de duas janelas do coro e óculo oval na empena e remate em frontão triangular.

A porta mostra as ombreiras e a verga decoradas de losangos, ladeados de segunda zona com enrolamentos de acanto e grinaldas florais, do mesmo tempo inicial setecentista.

O arco cruzeiro, alteado no século XIX, é dum manuelino prolongado, mostrando o ano de 1536.

O retábulo principal e os do corpo da igreja, setecentistas, foram trazidos do Mosteiro de Ceiça. No espaldar do arcaz da sacristia vêem-se dois baixos relevos de madeira, do último quartel do século XVII: Anunciação e Baptismo de Cristo.

O cadeiral, singelo, do século XVIII, ostenta pinturas nos espaldares, da vida de Santo António, de nível popular.

No corpo da igreja encontra-se a capela do Senhor da Vida, da transição dos séculos. XVI-XVII, de fundação de Joaquim Homem Frade e de Maria Cardoso de Albergaria , que ali jazem sob campa.

A entrada, de calcário, é de pilastras e duas colunas emparelhadas por lado, sustentando arco de querubins. É abobadada em quartelas de pedra e tem modesto retábulo, de pedra também, e da mesma época.

Abre-se para a igreja e deste mesmo lado, o do evangelho, a capela de São Francisco de que abaixo falaremos. Com restos de azulejos, policromos, do século XVII, de laços e florões em rodapé.

Encontram-se soltas quatro tábuas, da segunda metade do século XVI, inferiores, com cenas da vida de Santo António: livra o pai da forca, milagre da mula, pregação aos peixes, sua morte.

Conserva algumas alfaias de mérito: pluvial de brocatel, dos séculos XVI-XVII, de temas de ovais ligados, as quais encerram albarradas floridas; dalmáticas, igualmente de brocatel de uma variante do mesmo tipo; casula, do século XVIII, de pequeninos ramos floridos e soltos⁶⁸.

A capela da São Francisco pertence à Ordem Terceira, uma das filiações seculares de certas ordens religiosas. Tem o desenvolvimento normal de uma pequena igreja. É obra do primeiro quartel do século XIX, do arquitecto milanês João Carlos Magne, feita num bom estilo neoclássico.

A entrada é de arco abatido entre dois pares de pilastras. O retábulo principal e colaterais são da mesma época. A grande tela daquele, Estigmatização de São Francisco, foi pintada pelo portuense Joaquim Lopes⁶⁹.

Sem dúvida que a campanha de obras de 1725, foi a que mais alterou o edifício, conferindo-lhe o aspecto que ainda hoje parcialmente mantém.

Com a extinção das Ordens Religiosas, o convento de Santo António foi transformado em paços do concelho até 1839, passando então para a posse da Misericórdia da Figueira da Foz.

⁶⁸ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 98.

⁶⁹ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 90.

A **igreja paroquial da Figueira** (Imagem 61), tem São Julião como titular. A mais antiga referência é a do já citado documento de 1096, o da doação do abade Pedro à Sé de Coimbra.

Do século XVIII deve datar o arcabouço bem como o último corpo das torres. No segundo e no último terço do século XIX sofreu muitas obras que a não melhoraram artisticamente, devendo datar desse tempo as aberturas da fachada.

Esta é limitada de duas torres, que só se tornam independentes no último corpo, ficando a empena retraída para a linha posterior delas. Na torre do poente, um dos sinos é datado de 1782 e o outro de 1820.

O interior da nave encontra-se muito modernizado. O retábulo principal e os colaterais, respectivamente de quatro e de duas colunas, seguem um tipo setecentista, podendo ter já tido algumas reformas posteriores, como acontece à pintura deles.

Na capela lateral da esquerda encontra-se um pequeno retábulo de pedra, proveniente do convento de Ceiça, da segunda metade do século XVI, mostrando, ao centro, a Descida do Espírito Santo e, aos lados, Santo Amaro e São Pedro⁷⁰.

5.BUARCOS

A actual vila de Buarcos é a fusão de duas antigas, Buarcos e Redondos, que só uma rua separava.

⁷⁰ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, pp. 88-89..

Buarcos, a parte baixa, a da fortaleza marítima, foi da Sé de Coimbra, pelo menos nos direitos eclesiásticos, nos quais continuou. O senhorio foi doado ao Mosteiro de Santa Cruz, pelo bispo D. Pedro Soares, no ano de 1206; o infante D. Pedro tentou em vão obtê-lo, bem como o de Redondos, do mosteiro, por contrato; D. Manuel concedeu a vila ao conde de Tentúgal a 18 de Outubro de 1519, que continuou na geração dos Cadavais. A igreja era e é dedicada a São Pedro.

Redondos, a parte alta, aonde ficava o castelo medieval, pertenceu ao Mosteiro de Santa Cruz; depois da anexação das rendas do priorado-mor à Universidade ficou esta com a jurisdição cível e crime e o convento com a renda, pertencendo ainda àquela a alcaidaria. A sua igreja matriz, agora desaparecida, era da invocação de Santa Cruz.

A 11 de Outubro de 1794 foi suprimida a câmara de Redondos e unida à vila de Buarcos, em execução da lei de 1790 que extinguiu a jurisdição dos donatários da coroa. Buarcos era considerada vila mais antiga. Buarcos teve foral manuelino a 15 de Setembro de 1516.

Como região marítima, Buarcos foi sujeita à pirataria: um assalto em Maio de 1566 de ingleses e holandeses, outro de 1602, de ingleses também, e um outro de 1629, com quatro naus, de holandeses⁷¹.

O antigo albergue e hospital da Misericórdia de Buarcos apresenta uma frontaria chã, com campanha de obras na segunda metade do século XVIII é edifício de planta rectangular, composta, massa simples disposta horizontalmente, com cobertura em telhado de duas águas.

⁷¹ Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, pp. 92-93.

A fachada principal, a Este, é simples, rasgada por dois registos de vãos sem elemento separador, sendo os vãos inferiores rectangulares e em número de cinco, correspondendo a três janelas que alternam com duas portas; os três vãos superiores correspondem a duas janelas rectangulares que seguem o eixo das portas do rés-do-chão e a um nicho vazio em posição central, de volta redonda sobrepujado por cornija contracurvada.

A capela de Nossa Senhora da Conceição, fica junto ao mar, dentro das fortificações. É obra do séc. XVI, muito reformada no princípio do séc. XVIII e no XIX. Do séc. XVI guarda as três portas, que são de ombreiras molduradas e com friso e cornija. Na lateral esquerda encontram-se as datas de 1535-1536. Da mesma época é o púlpito singelo, cilíndrico, sobre coluna-balaústre, decorado de alguns querubins. O arco cruzeiro e os dois dos altares da nave são do séc. XVIII.

O retábulo principal, de colunas torcidas e com pâmpanos, é do princípio do séc. XVIII. Do mesmo tipo são os outros, mas de feição popular.

As paredes do corpo tem lambril de azulejos, de colunas balaústres e albarradas floridas e pegas na base. A parede do cruzeiro está toda revestida com azulejos de outros tipos colocados desordenadamente. Todos do século XVIII⁷².

⁷² Vergílio Correia e António Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, p. 94.

IV - BARROCO NACIONAL E REGIONAL

A época áurea do Barroco, corresponde essencialmente ao reinado de D. João V, 1706-1750, produto de intensa actividade artística por todo o país, como resultado de um tempo florescente da economia portuguesa.

Remontam contudo as suas raízes a partir da segunda metade de seiscentos, com o seu apogeu na primeira metade do século XVIII e permanecendo, entre as novas tendências da segunda metade de setecentos, até finais da centúria.

A partir dos anos cinquenta do século XVIII, a par de um rococó, que se exprime, na arquitectura nortenha, mais no plano decorativo, como sucede no Porto, ou a sul, onde a chamada arte de Mafra, patrocinada pela corte, onde Ludovice e seus discípulos, de quem se destaca Mateus Vicente, espalharam as realizações de influência italiana, encontramos, até finais de setecentos, podendo mesmo ultrapassá-lo, uma corrente arquitectónica tardo-barroca que convive com o neoclassicismo, e se impõe, principalmente, no primeiro quartel do século XIX.

A arquitectura barroca e rococó na região de Coimbra, não exhibe a plasticidade, exuberância e esplendor da arquitectura setecentista nortenha, onde pontificaram nomes como Nasoni, ou André Soares, contudo a influência da corte, embora mais esmorecida, acabou por marcar alguma das obras da cidade neste período, destacando-se, pela sua magnificência, a Casa da Livraria, mandada construir por de D. João V, com as obras a iniciarem-se em 1717, terminando a 1725.

No Baixo Mondego Litoral podemos considerar que a arquitectura do século XVIII é, no seu conjunto mal conhecida. Faltam-nos elementos seguros sobre a actividade arquitectónica naquela centúria e sobretudo os principais responsáveis pela sua execução.

Porém no vale do Mondego as obras efervesceram. É conhecida a actividade de Gaspar Ferreira, mestre-de-obras da Universidade, na dupla função de entalhador e arquitecto autodidacta, a localidades próximas de Coimbra, nomeadamente Lorvão, Vila Nova de Monsarros e Montemor-o-Velho, entre outras. Contudo as de aparato, sob o patrocínio régio, circunscreveram-se praticamente à cidade de Coimbra⁷³.

Em toda a região dos campos baixos do Mondego Litoral, encontram-se estampadas edificações graciosas, com traços pitorescos num estilo de barroco popular, austero, mas cheio de graça, ainda que por vezes algumas particularidades borrominianas se encontrem estampadas nalguns edifícios civis e religiosos.

Para o aparecimento da obra é imprescindível o encomendante, assim como arquitecto, que actua geralmente a gosto do primeiro. O maior outorgante no período em causa foi, sem dúvida, a igreja. Ao longo dos séculos XVII e XVIII, assistimos a uma intensa actividade construtiva e de renovação no âmbito da arquitectura religiosa, que se vai manter, com algumas excepções, até finais de setecentos, presa a uma linguagem barroca.

⁷³BORGES, Nélson Correia, *História da Arte. Do Barroco ao Rococó*, (Publicações Alfa), Lisboa, 1986, vol. 9, p. 26.

Existem espalhados pela região lustrosos exemplo do comum, da arte e arquitectura barroca, marcadamente popular, onde a ausência de erudição se encontra, em grande parte, plasmada na opção por materiais menos caros, como o azulejo e a talha.

CONCLUSÃO

Entre as edificações religiosas descritas nas páginas anteriores, que se destacam pelo seu pitoresco e singeleza das formas, não posso deixar de mencionar, no âmbito das edificações religiosas, a igreja da Misericórdia de Pereira, nomeadamente a sua frontaria, que pode sugerir alguma inspiração no portal da Casa da Livraria, e, a similaridade existente entre a Igreja de Santo António dos Olivais em Coimbra e a de Santo António na Figueira da Foz.

Por todo o Mondego Litoral, na centúria de setecentos, encontramos edificações religiosas, para além das que agora referimos que seguem mais ou menos a mesma linha de um barroco popular austero.

São, porém, construções harmoniosas e singelas, que definem um tipo de arquitectura popular característico nesta região, onde a ausência de erudição, foi claramente compensada pelo pitoresco.

O mesmo se passa relativamente à arquitectura civil setecentista, embora em menor número, a casa nobre é uma realidade que tanto se descobre nos grandes centros como fora deles. No Mondego Litoral, as edificações civis tanto as encontraremos concentradas, em localidades como Ançã, Tentúgal, Montemor ou Maiorca, como dispersas, geralmente inseridas em quintas da região, ou burgos de menor dimensão que os referidos.

Na região de Coimbra, a casa de habitação caracterizou-se pelas janelas de avental rectangular, isto é, de pedra de peito vincada no exterior. O andar nobre rasgava-se genericamente de sacadas de pouco avanço, com

simples grades de ferro. Nas fachadas voltadas a sol, abriam-se regularmente varandas mais ou menos imponentes.

Como já foi referido, não é conhecida a actividade de grandes arquitectos, fora da esfera da urbe mondeguina. Do Paço de Maiorca, edificação civil que ostenta maior carácter, com traços de alguma erudição, enquadrado com pavilhão e jardins, não é conhecido o autor traça. O mesmo se passa relativamente ao Paço da Figueira, inserido na malha urbana, com uma morfologia diferente do primeiro, desconhecendo-se também o arquitecto ou mestre de obras que o riscou.

Porém, foram as moradias particulares que encheram o distrito da graça dos aventais recortados das janelas e das cornijas em traçados mistilínios, nalguns pontos formam séries, como em Soure e na Lousã, é possível encontrá-las também em Tentúgal e Ançã.

O solar da Abrunheira inserido na malha urbana desta localidade é também um exemplo gracioso exemplar da arquitectura setecentista no Baixo Mondego Litoral

Também a Quinta de Fôja, embora não sendo uma edificação setecentista de raiz, remontando a sua origem ao século XVI, apresenta transformações que a enquadram perfeitamente neste período, embora de linhas mais austeras, considerando a sua natureza e função principal.

Todas as construções acabadas de referir, seguem a mesma linha do distrito, de edificações com carácter, resultado da graciosidade singela que apresentam, mesmo que falhas de traça ou erudição um estilo vincadamente popular, quer nas linhas quer na natureza dos materiais empregados na sua construção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Carlos de, *Solares Portugueses. Introdução ao estudo da Casa Nobre*. 2ª Edição, Livros Horizonte, 1988.

BORGES, José Pedro Aboim, *Figueira da Foz – Cidades e vilas*, Lisboa 1991

BORGES, Nelson Correia, *Coimbra e Região*, Lisboa, 1987.

BORGES, Nelson Correia, *História da Arte em Portugal*, vol. 9, Do Barroco ao Rococó, Lisboa, Alfa, 1986.

CONCEIÇÃO, Augusto dos Santos, *Terras de Montemor-o-Velho* (reedição da obra de 1944), Montemor-o-Velho, 1992.

CORREIA, Vergílio e GONÇALVES António Nogueira, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Coimbra*, Academia Nacional de Belas Artes, 1953, vol. IV.

DIAS, Pedro e REBELO, Fernando, *Arte e Paisagem na Região de Turismo do Centro*, EPATUR, Coimbra 1984.

GÓIS, António Correia, Concelho de Montemor-o-Velho, *A terra e a Gente*, Montemor-o-Velho, 1995.

GOMES, Paulo Varela, *A Cultura Arquitectónica e Artística em Portugal no séc. XVIII*, Lisboa, Caminho, 1988.

GOMES, Paulo Varela, *O Essencial Sobre Arquitectura Barroca em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987.

MARTINS, Alfredo Fernandes, *O Esforço do Homem na Bacia do Mondego: ensaio geográfico*, Universidade de Coimbra, 1940.

PEREIRA, José Fernandes, *Arquitectura Barroca em Portugal*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1986.

PEREIRA, José Fernandes (dir.), *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Lisboa, Presença, 1989.

PEREIRA, Paulo (dir.), *História da Arte Portuguesa, vol. 3, Do Barroco à Contemporaneidade*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1997.

PIMENTEL, António Filipe, *Arquitectura e Poder: o Real Edifício de Mafra*, 2ª ed., Lisboa, Livros Horizonte, 2002.

SERRÃO, Vítor, *História da Arte em Portugal. O Barroco*, Lisboa, Ed. Presença, 2003.

VAQUINHAS, Irene Maria, *Violência, justiça e sociedade rural : os campos de Coimbra, Montemor-o-Velho e Penacova de 1858 a 1918*, Porto, Afrontamento, 1996.

ANEXOS FOTOGRÁFICOS



Imagem 1: Solar da Bencanta. Foto: António José Soares



**Imagem 2: Casa da Quinta de Nossa Senhora da Conceição. Foto:
António José Soares**



Imagem 3: Igreja paroquial de São Martinho do Bispo. Foto: António José Soares



Imagem 4: Quinta do Seminário. Foto: António José Soares



Imagem 5: Igreja paroquial de Antuzede. Foto: António José Soares



Imagem 6: Casa da Quinta da Cidreira. Foto: António José Soares



Imagem 7: Casa do Regalo. Foto: António José Soares



Imagem 8: Ruínas da casa da Quinta da Geria. Foto: António José Soares



Imagem 9: Casa antiga - São Facundo. Foto: António José Soares



Imagem 10: Moradia brasonada dos Bandeira de Neiva. Foto: António José Soares



Imagem 11: Casa setecentista com brasão: Foto: António José Soares



Imagem 12: Casa do Século XVIII. Foto: António José Soares



Imagem 13: Casa antiga, junto à capela das Mercês. Foto: António José Soares



Imagem 14: Porta em ruínas de uma antiga casa setecentista, próximo da antiga rua do Cavaco



**Imagem 15: : Igreja paroquial de Ançã, Nossa Senhora do Ó. Foto:
António José Soares**



Imagem 16: Casa brasonada do princípio do século XVIII: Foto António José Soares



**Imagem 17: Capela de Nossa
Senhora das Mercês: Foto
António José Soares**



**Imagem 18: Capela do Espírito Santo: Foto António José
Soares**



Imagem 19: Capela do Senhor da Fonte. Foto: António José Soares



Imagem 20: Fonte. Foto: António José Soares



**Imagem 21: Antiga igreja paroquial de São João Baptista. Foto:
António José Soares**



Imagem 22: Antigo solar com o brasão dos Cabral, Coutinho, Vilhena e Moura. Foto: António José Soares



**Imagem 23: Igreja paroquial de São Silvestre. Foto:
António José Soares**



**Imagem 24: Mosteiro de São Marcos - Frontaria da igreja. Foto:
António José Soares**



Imagem 25: Mosteiro de São Marcos - Cruzeiro de 1783. Foto: António José Soares



Imagem 26: Mosteiro de São Marcos - Nave da igreja. Foto: António José Soares



Imagem 27: Mosteiro de São Marcos - Casa da botica. Foto: António José Soares



**Imagem 28: Igreja paroquial de São Martinho de Árvore. Foto:
António José Soares**



**Imagem 29: Casa nobre da primeira metade do século XVIII Foto:
António José Soares.**



Imagem 30: Ruínas da Casa dos Marqueses de Reriz. Foto: António José Soares



Imagem 31: Igreja paroquial de Taveiro. Foto: António José Soares



Imagem 32: Antigo solar dos Viegas de Novais Ferraz. Foto: António José Soares



Imagem 33: Antigo solar de Abreu, Lima de Morais. Foto: António José Soares



**Imagem 34: Antigo solar dos Coelho, Faria, Amorim e Silva. Foto:
António José Soares**



Imagem 35: Igreja da Misericórdia e casa do despacho. Foto António José Soares



Imagem 36: Capela de Nossa Senhora das Dores. Foto AJS



Imagem 37: Igreja Paroquial da Carapinheira. Foto de AJS



**Imagem 38: Antigo hospital e casa do despacho da Misericórdia. Foto
AJS**



Imagem 39: Igreja da Misericórdia de Pereira. Foto AJS



Imagem 40: Nave da igreja da Misericórdia de Pereira. Foto AJS



Imagem 41: Igreja paroquial de Santo Varão. Foto AJS



Imagem 42: Igreja da Misericórdia de Montemor-o-Velho. Foto AJS



Imagem 43: Solar dos Alarcões. Foto de AJS



**Imagem 44: Antigo Hospital da Misericórdia – Montemor –o-Velho.
Foto AJS**



Imagem 45 Antigo Hospital de Santa Marta. Foto AJS



**Imagem 46: Solar da Quinta do Cardal. Foto
Sandra Marina**



Imagem 47: Convento de Almiara ou Mosteiro de Verride. Foto AJS



**Imagem 48: Casa Grande da Abrunheira - Solar da família Ornelas,
Nápoles: Foto AJS**



Imagem 49: Quinta de Fôja: Foto AJS



Imagem 50: Solar da Quinta de Fôja. Foto AJS



Imagem 51: Capela de Santa Olaia. Foto Sandra Marina



Imagem 52: Paço dos Viscondes de Maiorca. Foto AJS



Imagem 53: Frontaria do paço. Foto AJS



Imagem 54: Mosteiro de Santa Maria de Ceixa: Foto AJS



Imagem 55: Capela de Nossa Senhora de Ceixa. Foto AJS



Imagem 56: Igreja paroquial de Lavos



Imagem 57: Figueira – Pelourinho de 1782: Foto AJS



Imagem 58: Figueira da Foz - Casa do Paço. Foto AJS



Imagem 59: Casa da Alfândega. Foto AJS



Imagem 60: Convento de Santo António. Foto AJS



Imagem 61: Igreja paroquial da Figueira - São Julião. Foto AJS